



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO- CAMPUS XIV  
JAMILE SANTOS DA SILVA

**HISTÓRIA, LITERATURA E GÊNERO:**  
**Uma análise do romance machadiano A mão e a luva.**

CONCEIÇÃO DO COITÉ- BA

2025

JAMILE SANTOS DA SILVA

**HISTÓRIA, LITERATURA E GÊNERO:**

**Uma análise do romance machadiano A mão e a luva**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em História da Universidade do Estado da Bahia, utilizado como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em História. Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Msa. Ediane Lopes de Santana.

**CONCEIÇÃO DO COITÉ – BA**

**2025**

**Resumo:**

O presente trabalho busca fazer uma análise do romance machadiano *A mão e a luva*, considerando-o como fonte para produção de uma pesquisa historiográfica, visando compreender e analisar a representação das mulheres, correlacionando a literatura com a historicidade do século XIX, como também, as representações das feminilidades e masculinidades presentes na obra. Neste trabalho foi utilizada uma abordagem qualitativa, tendo como metodologia a leitura e a análise da obra literária *A mão e a luva*, correlacionando, de modo minucioso, literatura e História, por meio de bibliografias que abordem aspectos históricos do período correlacionando com a figura do autor. Para isso foi realizado uma pesquisa de coleta de informações sobre o contexto brasileiro no século XIX, o lugar que a mulher ocupava e as construções históricas que envolviam ideais de masculinidade e feminilidade.

**Palavras Chave:** Relações de gênero; Machado de Assis; Feminilidades; Masculinidades; Representação.

## Sumário

<b>CAPÍTULO 1: Uma sociedade de hipocrisias</b> .....	<b>10</b>
1.1- A Troia carioca .....	10
1.2- Machado de Assis: entre a literatura e a história.....	16
1.3- Mulheres e ficção: representação e autoria .....	25
<b>CAPÍTULO 2: Identidades em jogo</b> .....	<b>32</b>
2.1- “A filha do meu coração” : a inserção de Guiomar na sociedade burguesa .....	32
2.2- Feminilidade ou feminilidades? Atendendo ao ideal e transgredindo a ele .....	38
2.3 – Entre perfis de masculinidade: uma escolha.....	46
<b>Considerações finais</b> .....	<b>55</b>
<b>Referências</b> .....	<b>58</b>

## Apresentação

Tendo em vista que é cada vez mais imprescindível debater as questões relacionadas às relações de gênero – principalmente no que tange ao gênero feminino e o combate à estrutura patriarcal – faz-se necessário compreender o processo histórico que perpassou a condição feminina e que, de certo modo, ainda reflete na sociedade hodierna. Tal prerrogativa, a inquietação de estudar a história das mulheres e as relações de gênero, o amor pela literatura e o fascínio pela obra que aqui será analisada foram condutores da escolha da temática dessa pesquisa. A princípio havia apenas a certeza de que queria trabalhar com questões associadas à categoria gênero tendo como fonte principal o texto literário, e esses foram os fatores que nortearam os “próximos passos que viriam” para construção da pesquisa, ou seja, definir o recorte temporal, escolher a obra para ser estudada – sendo eleito o romance *A mão e a luva* – e qual perspectiva teórico-metodológica guiaria a análise. Neste sentido, é importante apresentar a obra escolhida.

O romance se passa na sociedade carioca do século XIX e gira em torno de Guiomar, uma bela jovem que, ao ser adotada por sua madrinha, a baronesa, sai do contexto de pobreza, adentra nos altos círculos sociais e almeja ascender na sociedade. No desenrolar da trama Guiomar vai se mostrando uma mulher transgressora que usa de inúmeros mecanismos para atender aos seus interesses. A protagonista tem três rapazes que desejam casar-se com ela – Estevão, Luís Alves e Jorge – a vista disso ela analisa meticulosamente qual deles mais lhe garantiria status e uma vida confortável, no entanto, Guiomar acaba dividida entre seus sentimentos e a ambição, até que finalmente faz sua escolha e se articula para que ela seja acatada, enquanto a Mrs. Oswald, governanta da baronesa, também tentava articular uma manipulação da escolha da moça.

As mulheres brancas e abastadas no século XIX, grupo social aqui enfatizado durante a construção desse estudo, eram vistas apenas como aquelas que eram preparadas para atividades voltadas para o casamento, que, em muitos casos, eram arranjados e cuja a educação era direcionada para os cuidados com a família. Essa parcela da população era privada da liberdade para falar abertamente sobre suas vontades, necessidades e escolhas, dessa forma, lhes eram impostos os papéis de submissão, seja ao pai, ou, posterior ao casamento, seus maridos. É notório que no

meio social atual existem resquícios dessa perspectiva, ou seja, em meados do século XXI ainda é possível observarmos que, se uma pessoa biologicamente dita como mulher age de maneira que transgride o ideal de feminilidade disseminado, desde então lhe serão apresentadas instruções e repreensões para que a mesma se enquadre na normatividade de como uma mulher deve ser, recatada e subjugada, assumindo sempre o papel de apoio para um homem e com todas as suas virtudes voltadas para o lar.

Diante do evidente atual crescimento do número de mulheres na ocupação de espaços sociais em diversos âmbitos e em posições de destaque, é necessário debater que, desde o século XIX, em meio àquela sociedade imensamente patriarcal e de submissão para as mulheres, já haviam indícios de transgressões, resistências e protagonismo feminino, como é explicitado na representação da personagem Guiomar e personagens femininos secundários desse romance de Machado de Assis.

Por conseguinte, face à disseminação das mulheres serem apresentadas apenas como indivíduos passivos, subjugados e subordinados na sociedade, faz-se imprescindível uma abordagem que não negligencie, mas evidencie que, mesmo diante de um âmbito social que as reservava apenas à sujeição e subserviência ao patriarcado, essas mulheres eram sujeitos históricos ativos, transgressores e operantes. Também é importante demonstrar que suas ações impactavam no meio ao qual estavam inseridas, dessa maneira, contribuir-se-á para a quebra de paradigmas e estereótipos acerca da condição feminina no decorrer do século XIX.

O objetivo geral desta pesquisa é compreender e analisar a representação das mulheres no romance de Machado de Assis, *A mão e a luva*, correlacionando a literatura com a historicidade do século XIX, onde reverberava um ideal de feminilidade estruturado estritamente na condição de submissão e passividade. Os objetivos específicos são: Analisar as influências que rodeiam o autor e contexto histórico que o romance foi produzido; Apresentar as mulheres e os homens do romance *A Mão e a luva* face aos ideais de masculinidade e feminilidade do século XIX; Identificar em Guiomar e personagens femininos secundários possíveis elementos transgressores para sociedade em que estavam inseridas; Analisar o casamento, a partir da reflexão sobre as relações de gênero da sociedade estudada, como mecanismo de ascensão social e econômica.

A pesquisa se desenvolveu por meio de um estudo qualitativo, tendo como metodologia a leitura e a análise da obra literária *A mão e a luva*, do escritor cânone brasileiro Machado de Assis. Partindo desta inspeção no escrito literário supracitado, foi correlacionado de modo minucioso literatura e História, buscando a realização de uma reflexão sobre as condições históricas dessa produção, abarcando a figura do produtor, o lugar social que foi produzida, como foi produzida, as intenções do produtor, as relações de poder que cercavam e atravessavam a obra.

Para isso foi utilizado o cruzamento com teóricos que concatenam e apresentam o uso da literatura como fonte para produção historiográfica e temáticas ligadas à discussão de gênero. Dessa forma, ao analisar reflexivamente a obra e suas narrativas produzidas pelo escritor, elas foram correlacionadas com a historicidade da estrutura social do século a ser pesquisado no que tange à condição feminina e as negligências que as rodeia dentro da sociedade carioca.

Para o estudo desse romance, foi utilizado gênero como uma categoria social das distinções baseadas no sexo, desenvolvido por Joan Scott, em 1995. Scott propõe uma análise histórica acerca da categoria de gênero, trazendo uma reflexão desde os primeiros usos da palavra pelas feministas e enfatiza que gênero é uma categoria relacional e uma forma inicial de dar significado e perpetuação para as relações de poder, revelando como as diferenças entre homens e mulheres são historicamente construídas e não biologicamente determinadas (Scott, 1995).

A categoria "relações de gênero" salienta o aspecto relacional das definições normativas da feminilidade e da masculinidade, desse modo, estudiosas (os) que estavam preocupadas com o fato de que a produção de estudos sobre mulheres se centrava nestas de maneira escassa, estreita e separada utilizaram o termo "gênero" para introduzir uma noção relacional em nosso vocabulário analítico. Em síntese, homens e mulheres, com o uso de tal termo, estavam equiparados e não era possível estudar um sem também estudar o outro, concluindo que a terminologia é relacional, principalmente no que tange às relações de poder a ela associadas.

Além disso, o termo gênero também é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. Seu uso rejeita explicitamente aspectos biológicos para a construção social de diversas formas de subordinação feminina, baseadas na premissa que as mulheres têm a capacidade para dar à luz e de que os homens têm

uma força muscular superior. “Em vez disso, o termo "gênero" torna-se uma forma de indicar ‘construções culturais’ - a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres” (Scott,1995, p. 75). Essa perspectiva foi essencial para o desenvolvimento deste estudo, uma vez que está sendo proposta uma análise que abarca as relações de gênero presentes no romance e na época em que o mesmo foi escrito, os ideais de feminilidade e masculinidade propagados e as formas de protagonismo e transgressões femininas para o período.

No que tange à abordagem do texto literário como fonte principal desta pesquisa, adotou-se a perspectiva de Gabriela de Lima Grecco (2014) sobre o conceito de representação, para interpretar e analisar a aproximação entre História e Literatura, bem como a utilização da literatura como fonte documental para a historiografia. As mudanças epistemológicas dentro dos movimentos da História Cultural resultaram na aproximação de um conceito central que remodelou a postura do historiador para este campo, a ideia de representação no texto literário.

O conceito de representação já havia sido abordado no início do século XX, a partir dos estudos de Émile Durkheim, para este sociólogo, este conceito é entendido como categoria de pensamento através da qual determinada sociedade constrói e expressa sua realidade; é, portanto, um conceito socialmente construído e que se impõe independentemente da vontade individual (Grecco, 2014, p42).

Cabe também destacar que “de forma geral, a História Cultural vai atribuir o estudo das formas de representação do mundo no seio de grupos humanos” (Grecco, 2014, p 42). Esta ideia é chave para a ampliação do diálogo entre diversas disciplinas, redimensionando as relações entre história e literatura que serão os fios condutores da análise de *A mão e a luva*. Juntamente com a perspectiva de Grecco, também foi utilizado o conceito de representação na literatura proposto por Pesavento (2006), pois um autor ou autora, ao construir uma representação social da realidade, tal realidade passa a proporcionar à historiografia um enriquecimento no seu campo de análise trazendo uma dimensão cultural, na qual a narrativa literária era ilustrativa de sua época, operando como uma forma de reflexo simbólico da realidade social.

No primeiro capítulo é apresentado uma análise do contexto histórico do Brasil no século XIX, salientando como as mudanças ocorridas impactavam diretamente na condição das mulheres. Seguindo nessa linha, também é apresentado uma análise sobre Machado de Assis, o autor do romance estudado nesse trabalho, perpassando pela sua vida pessoal e pela sua vida pública, salientando a importância de suas obras para literatura e para História, como também o quanto suas vivências influenciaram diretamente nelas. Ao final do capítulo, é apresentado uma análise de como a imagem e a representação das mulheres foram historicamente construídas e moldadas por homens, principalmente na literatura, adjunto a isso, é evidenciado que a ausência de produções feitas por mulheres está ligada a barreiras sociais, econômicas e educacionais.

Já no segundo capítulo, é exposto uma análise adentrando ainda mais no romance, correlacionando-o com outros escritos para compreender os aspectos históricos presentes nele. É apresentado, no primeiro tópico, aspectos sobre maternidade no século XIX e como ela, embora idealizada como instinto natural e função da mulher, variava conforme a classe e o contexto. Dando continuidade, é incluído os perfis de mulheres representados no romance que ora atendem ora transgridem ao ideal de feminilidade, mostrando que, mesmo dentro de papéis que remetam a submissão, as mulheres encontravam formas de serem ativas e resistir. Por conseguinte, também é exposto uma análise sobre masculinidades, levando em consideração que naquele período estava sendo construído um perfil ideal de homem, atrelado à nação.

É importante salientar que ao longo de todo o trabalho foram exploradas e analisadas as relações de gênero presentes na obra, levando em consideração aspectos do período em que ela foi escrita. Partindo dessa perspectiva, também foram analisados os arranjos para obter casamentos considerados ideais de acordo a perspectiva burguesa da época para a manutenção dessa classe.

## CAPÍTULO 1: Uma sociedade de hipocrisias

### 1.1- A Troia carioca<sup>1</sup>

Partindo do pressuposto que a literatura é um texto ficcional, entretanto, representa, da mesma forma que revela, verdades sobre um meio social de uma época e que um literato é fruto de seu tempo, antes de iniciar-se a análise da obra literária estudada nesta pesquisa, é imprescindível a apresentação e compreensão das circunstâncias sociais, contexto histórico da localidade que foi desenvolvida, bem como o espaço que o romance conquistou na sociedade burguesa no século XIX.

Durante o século XIX, a sociedade brasileira sofreu uma série de transformações: a consolidação do capitalismo, o incremento de uma vida urbana, a ascensão da burguesia e da nova mentalidade que a acompanhava e reorganizava as vivências familiares e domésticas, do tempo e das atividades femininas, e também, a sensibilidade e a forma de pensar o amor. Adjunto a esse contexto de mudanças, nasce também um novo modelo de mulher nas relações da família burguesa, caracterizada pela exaltação da intimidade e da maternidade (D'Incao, 2004).

Concomitantemente, inicia-se também uma nítida delimitação entre os espaços de representação, o público e o privado que, antes entrelaçados, passam por um processo de ruptura, convertem-se em aspectos descoincidentes e com uma demarcação cada vez mais rígida. Essa dissociação é perceptível também nas casas burguesas, que tinham as salas como espaços de convivência e as alcovas<sup>2</sup> destinadas às emoções mais íntimas, representando nos romances a separação entre o desejo e a possibilidade de sua manifestação.

Essa interiorização da vida doméstica, no entanto, deu-se ao mesmo tempo em que as casas mais ricas se abriam para uma espécie de

---

<sup>1</sup> Em dado momento Machado de Assis compara o Rio de Janeiro à Troia. A comparação é uma crítica machadiana à elite carioca do século XIX, sugerindo que o ambiente social do Rio é superficial e regido por jogos de interesse e vaidade.

<sup>2</sup> Alcova se refere a um recesso de um quarto, um lugar discreto, geralmente encoberto por colunas ou cortinas. No Brasil, refere-se a um dormitório situado no interior de uma residência, sem janelas ou portas para o exterior. (Definição de Dicionário online de português 2009-2024. Disponível em: < <https://www.dicio.com.br/> >. Acesso em: 16/06/2024.

apreciação pública por parte de um círculo restrito de familiares, parentes e amigos. As salas de visita e os salões - espaços intermediários entre o lar e a rua - eram abertos de tempos em tempos para a realização de saraus noturnos, jantares e festas. (D'Incao, 2004, p. 228)

É dentro dessa nova perspectiva que Machado de Assis cria e desenrola a narrativa de *A mão e a luva*, tendo em vista que, após ficar órfã e ser adotada por sua Madrinha, uma senhora detentora de posses e status, a jovem transgressora e ambiciosa Guiomar passa a frequentar esses ditos “espaços públicos” dentro do restrito círculo da alta sociedade burguesa do Rio de Janeiro. As aparições públicas, um dos meios utilizados para flexibilizar a demarcação entre a vida íntima e a exposição em sociedade, que também são perceptíveis na trama, serviam para ratificar prestígios e posições sociais. Para além de serem consideradas uma forma de sociabilização entre indivíduos da mesma camada social, também davam espaço para o estabelecimento de novas relações de poder ou manutenção de conexões já existentes que contribuíssem para a perpetuação do status e privilégios acumulados pela burguesia. Essas aparições públicas ainda contribuía para o surgimento de interesses econômicos, afetivos e de desejos em estabelecer alianças entre famílias por meio do casamento.

A respeito disso, D'Incao (2004) afirma que neste contexto de transformações no modo de vida e ascendência da burguesia, o casamento entre famílias ricas e burguesas era usado como um degrau para elevação social ou uma forma de manutenção do status. Mesmo que os romances trouxessem algumas vezes o matrimônio por amor, ele também ocorria por conveniência, e era possível de ser atingido por meio de arranjos e manipulações. A classe burguesa se ampliou e as famílias a ela pertencentes, que almejavam uma união nesses moldes, exibiam-se, tal como também suas filhas, muito bem vestidas, que passavam por uma espécie de avaliação e opinião de outros em eventos, enquanto homens ambiciosos agarravam-se a seus renomes nos salões das casas mais abastadas.

A possibilidade de um casamento bem sucedido dentro da própria camada burguesa se expandia de modo que fosse mantido as aparências e o prestígio das boas famílias, posto isso, mulheres tiveram de aprender a portar-se publicamente, a conviver de maneira considerada discreta e educada. As mulheres casadas ganhavam uma nova função, a de contribuir para o projeto familiar de mobilidade social através

de sua postura nos salões como anfitriãs e, na vida cotidiana, como boas esposas e mães, reforçando o estigma de que “A história das mulheres não é só delas, é também aquela da família, da criança, do trabalho, da mídia, da literatura” (Del Priori, 2011, p.7)

Acrescido ao fato de o casamento ser considerado uma forma de manter ou aumentar o pecúlio e privilégios, essa aliança passa a ser uma necessidade, visto que o número de mulheres era inferior em relação aos homens neste período, o que dificultaria a construção de uma ordem social na perspectiva do casamento monogâmico (Ribeiro, 1996). Ambas as visões citadas foram experienciadas por Machado de Assis, que foi contemporâneo desse fenômeno de consolidação dos costumes burgueses e são apresentadas pelo mesmo em *A mão e a luva*. Essas perspectivas que envolviam o casamento provinham tanto do lado masculino, quanto do feminino, junto a isso são evidenciadas as relações de gênero, os perfis de masculinidade, feminilidade e as relações de poder a eles atrelados, como afirma Ribeiro (1996, p.43): “As personagens do romance estabelecem entre si relações de poder, de trabalho, intelectuais, familiares, afetivas, que são, necessariamente, ou as relações sociais existentes, ou aquelas nascidas das utopias geradas no seu contexto de produção.”

Ainda para Ribeiro (1996), pensar o romance brasileiro no século XIX significa, antes de mais nada, pensar a sociedade em que foi produzido, circulou e foi lido. Para além disso, o mesmo evidencia que, ainda que existisse uma incipiente atividade editorial em outras cidades e capitais, o centro produtor era essencialmente o Rio de Janeiro, em quase toda a segunda metade do século. Diante disso é possível afirmar que *A mão e a luva* foi uma obra sobre a sociedade burguesa carioca, escrita por um carioca contemporâneo à ascensão, transformação e modernização dessa classe econômica e produzida no âmago da localidade que era considerada a principal difusora de literatura do período.

Por conseguinte, é válido salientar que o público leitor da época era majoritariamente feminino, pois, levando em consideração a falta de participação social, as restritas e monótonas atividades destinadas às mulheres burguesas, fossem elas casadas ou solteiras, jovens ou com idades já avantajadas, estavam quase sempre limitadas dentro das suas próprias residências, estas despertavam o interesse

com mais intensidade no que tange à leitura, dado que, através do ato de ler, poderiam encontrar uma forma de distração e fuga da invariabilidade do cotidiano. A ociosidade entre as mulheres burguesas incentivou a contemplação das tramas românticas e sentimentais consumidas entre as tarefas inalteráveis do lar, bem como da família e confidências entre amigas. As histórias presentes nos romances do século XIX incentivavam a idealização das relações afetivas e das perspectivas em relação ao casamento por amor, fazendo desabrochar a esperança de que a escolha matrimonial fugisse do controle patriarcal (D'Incao, 2004).

Mesmo sendo consideradas o grande público leitor e conseqüentemente as responsáveis pelo sustento da indústria literária, as mulheres não tinham a oportunidade de escrever, muito menos publicar algo sobre qualquer que fosse o assunto nesse meio de alta circulação. Desse modo, os romances do século XIX eram escritos exclusivamente por homens, eram idealizados por homens, porém sobre mulheres e direcionado às mulheres.

Entretanto, o sistema se contorcia com a enorme contradição de necessitar da mulher como público leitor e a vigência de um sistema de valores que via na sua alfabetização uma ameaça à ordem vigente – em especial, aos bons costumes familiares – e o fato de haver apenas cerca de seis leitores em cada cem habitantes torna isso ainda mais expressivo (Ribeiro, 1996), uma vez que uma educação que fugisse do padrão que destinava ao gênero feminino um lugar de passividade e de atividades destinadas ao lar, à família e responsabilidades restritas ao âmbito privado poderia ser um meio de emancipação para essas mulheres. Portanto, o estudo da condição da mulher no romance brasileiro se reveste de importância inestimável, quer pela relação profunda do tema com as condições econômicas e sociais vivenciadas pelas personagens dos romances, quer pela marca profunda do tema no nosso imaginário (Bezerra, 1996), ou ainda pela imprescindível participação feminal na propagação e destaque desse estilo literário no Brasil.

Quando se fala que a massa leitora era composta majoritariamente por mulheres, é de suma importância frisar quais mulheres eram essas. Pouquíssimos brasileiros nesse período eram alfabetizados e esse quadro restringe-se ainda mais quando direcionado ao gênero feminino, pois, além do benefício de o acesso à alfabetização estar reduzido às classes mais abastadas, também não era considerada

uma prerrogativa essencial para a educação feminina. Dessa forma, as mulheres que se faziam maioria no consumo das obras literárias do século XIX eram aquelas consideradas brancas, pertencentes à elite burguesa e aristocrática, que além do privilégio de terem sido alfabetizadas, tinham o poder monetário necessário para terem acesso a essas obras, como afirma Ribeiro (1996, p. 51):

Cada segmento da população terá seus meios e formas de expressão; mas a literatura, tal como a concebemos hoje, era forma de expressão e identificação da minoria letrada do segmento aristocrático do país. O tempo de lazer, o preço dos livros, o acesso às livrarias e bibliotecas, o hábito da leitura, a escolaridade prévia, tudo isto e muito mais era privilégio de muito poucos. O público leitor, se atentarmos para testemunhos de época, dados sobre edições e informações congêneres, tinha como componente importantíssimo as mulheres.

Outro aspecto cabível de análise é o fato de que a sociedade brasileira nesse momento vivia sob a égide do sistema escravocrata e sob as políticas de dominação que poderiam ser apropriadamente descritas como paternalistas. Essa lógica de domínio estava presente tanto nas estratégias de subordinação de escravos quanto de pessoas livres dependentes, e sua característica principal era a imagem da inviolabilidade da vontade senhorial (Chalhoub, 2003).

O ócio, já citado anteriormente como atribuição das mulheres das classes altas, também estava ligado aos estudantes do sexo masculino que ainda não eram considerados homens, mas isso não aparece nos romances, juntamente com o mundo do trabalho, que era o grande excluído em nossa ficção brasileira do século XIX. Assim, a sociedade ficava bem dividida, de um lado os trabalhadores escravizados e homens livres pobres – que não existem para o universo do romance enquanto protagonistas – de outro, os homens de negócios, capitalistas, fazendeiros, comerciantes de grosso trato, especuladores, empresários de toda ordem, que constituem a chamada sociedade aristocrática (Ribeiro, 1996).

Ribeiro (1996) também afirma que os trabalhadores escravizados ou livres e os homens de negócios eram os pilares do que se chamava de espaço público, onde se articulamos travejamentos que sustentavam a estrutura política e social. No que tange à organização do espaço privado, este ficava a cargo das mulheres, fossem elas das classes mais altas ou mulheres pobres e trabalhadoras, que também eram

responsáveis por suas casas, porém, com o diferencial de que as últimas estavam dentro e fora do espaço doméstico. As mulheres governavam, por obrigação, o âmbito residencial e instituíam a ordem interna da família, cujo comando estava entregue ao senhor, o homem da casa. Elas se moviam nas dobras do universo da vida privada familiar e o seu mundo público não se confundia com o espaço público da sociedade. O primeiro era uma simples extensão do lar, para tornar possível a reprodução da família, era ali onde se publicavam as belezas das herdeiras e onde se movimentavam muito à vontade os noivos em disponibilidade, seu cenário eram as festas familiares, os bailes dos cassinos e até mesmo a plateia dos teatros elegantes.

O acesso e controle dos instrumentos econômicos era uma função e um privilégio dos homens, estando daí as mulheres absolutamente excluídas. Mas é imprescindível salientar que nem todas as mulheres se enquadravam nessas premissas, por exemplo, mulheres ganhadeiras, prostitutas e trabalhadoras de classes pobres que circulavam pelos dois espaços e participavam, dentro dos seus limites financeiros, das atividades econômicas dos seus lares. O capital é um atributo que organiza a vida pública, a vida fora do espaço doméstico, e o espaço da cidade era majoritariamente de domínio masculino, por lá muitas das mulheres passavam como elemento transitório, enfeitavam-no, mas não se apossavam dele.

Portanto, é preciso enfatizar que a literatura nessa época era produzida e consumida por apenas duas classes sociais, dentro das quais se dá seu processo de circulação: a burguesia e a aristocracia. Isso se deve ao fato de que grande parte da população daquele período era de escravizados, libertos ou indivíduos livres, porém pobres. Nenhuma dessas camadas tinha acesso à escolaridade prévia, à alfabetização, meios para obter esses textos literários e menos ainda momentos flexíveis para dedicar-se à leitura, pois todo o tempo e disponibilidade a eles dispostos eram fadados às atividades servis e compulsórias que giravam as engrenagens que davam sustento e funcionalidade à elite dominante, e, conseqüentemente, lhes proporcionava condições e folgas para serem usufruídas pela apreciação das obras literárias.

A vista disso fica evidente o motivo pelo qual o consumo da literatura era tão restrito a uma pequena parcela da sociedade, e sem contar que esses aspectos também eram mecanismos para assegurar a perpetuação dessa forma de

organização social, pois a obtenção do acesso à educação, alfabetização, leitura e conhecimento eram meios pelos quais esses indivíduos poderiam conquistar emancipação política, social e econômica, tal qual poderiam ameaçar a permanência da ordem social vigente, por isso eram vistos e estabelecidos como um privilégio de poucos e para poucos.

Essa conjuntura ainda era atormentada pelos reflexos da Guerra do Paraguai e, além disso, a crise do sistema Imperial e escravocrata começava a mostrar os indícios de declínio na organização do Estado, ou seja, a agitação política e social já estava fazendo parte do cotidiano e da realidade da sociedade carioca, tal qual da sociedade brasileira como um todo (Ribeiro,1996). Devido à grande necessidade de enviar combatentes, o Império passou a “dar a liberdade” para aqueles que eram escravizados em troca deles irem para a frente de batalha. Em função da longa duração da guerra do Paraguai, o Brasil passou a enfrentar também problemas econômicos devido às altas despesas militares, o que comprometeu o controle governamental dos gastos. Como o país não estava preparado para um conflito tão duradouro, embora tenha saído vitorioso, o Brasil teve resultados catastróficos internamente, o que aumentou a insatisfação com a regência de D. Pedro II.

E é nesse quadro de efervescências e incertezas que o romance brasileiro vai ascender, crescer e ganhar mais notoriedade, mesmo com os poucos recursos que o meio lhe oferecia. Com isso fica nítido a diferença entre os países que realizaram uma revolução burguesa – a exemplo da França – e do Brasil, que não vivenciou a alfabetização em massa e no qual as camadas subalternas não tiveram acesso à participação política e social, as assembleias não representavam senão os donos do poder. O romance aqui estava condenado a uma participação política equivalente à dos seus produtores e leitores, nem mais, nem menos (Ribeiro,1996).

## **1.2- Machado de Assis: entre a literatura e a história**

O texto literário pode ser uma potente fonte para produção de pesquisas historiográficas de uma determinada época, pois tem a potencialidade de informar, em muitos casos, mais a respeito dos modos de pensamento de um grupo social do que

os próprios textos históricos (Greco, 2014). A vista disso, nesse tópico será discutido sobre quem produziu e escreveu a obra que aqui será analisada, levando em consideração a realidade que esse indivíduo estava inserido, posições sociais que ocupava, assim como seus vínculos grupais, pautas, correntes e ideologias que este sujeito é adepto. Além disso, é de suma importância entender as experiências vividas pelo autor no âmbito público e privado, uma vez que elas o atravessaram diretamente e influenciaram na sua escrita.

Antes de qualquer análise sobre a *A mão e a luva* é essencial inteirar-se sobre seu ilustre escritor, um dos maiores nomes da literatura brasileira, Joaquim Maria Machado de Assis. Popularmente conhecido apenas por Machado de Assis, nasceu no Rio de Janeiro durante o período imperial, no ano de 1839. Negro e de origem pobre, ficou órfão de mãe em 1849, entretanto tais fatos não o impediram de ascender por meio de sua escrita e ser um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, tornando-se seu primeiro presidente.

Para Ribeiro (1996) foram sua origem e as experiências vividas desde a sua infância que o fizeram adotar um perfil crítico da sociedade e o papel de denunciar, por meio de suas obras, as injustiças do sistema dominante vigente. Tais aspectos ligados à sua proveniência familiar são decisivos para diferenciação da construção da narrativa machadiana em relação aos outros literatos contemporâneos a ele. Pode-se citar, como exemplo, o também brilhante escritor José de Alencar, que trabalhou e escreveu no mesmo contexto, sobre a mesma sociedade, no mesmo tempo histórico, mas produziu imaginários e narrativas totalmente diferentes.

Ainda para Ribeiro (1996), a explicação para tal divergência pode ser encontrada nas prerrogativas sociais de cada um. José de Alencar era filho de um político do Império, sempre viveu com os muitos privilégios que pertencer à classe dominante proporcionava, como por exemplo o acesso a uma ótima educação. Alencar cresceu e se formou com a mentalidade de ser superior aos escravizados e às pessoas de classe sociais mais baixas. Já Machado de Assis era filho de pessoas pobres, nasceu e cresceu no Morro do Livramento, convivendo com pessoas de sua mesma classe social, sujeitos que compreendiam em qual parte da sociedade estavam inseridos e almejavam um dia pertencer a outro domínio social.

O contato de Machado com pessoas mais abastadas e detentoras de status se restringia à casa de sua madrinha, viúva de um senador do Império e provavelmente patroa de sua mãe. Seu pai também era negro, um pintor de paredes que não tinha meios para lhe proporcionar oportunidades, diferente do pai de Alencar. Assim, Machado de Assis cresce negligenciado, numa sociedade dominada por brancos e ricos, e conseguiu ascender com seu brilhante talento e dedicação. Também pode atribuir-se à sua origem o fato de seus escritos trazerem consigo um aspecto cético e negativista, sempre buscando tecer críticas e denúncias ao modo de vida burguês, tal qual dar voz a outros sujeitos que, como ele, também foram silenciados, mas não tiveram a oportunidade de externar suas percepções e insatisfações por meio da escrita, como Machado.

Embora seja evidente os desafios enfrentados durante sua trajetória, há alguns que se opõem a essa percepção, como Candido (1995), que afirma que os críticos que estudaram Machado de Assis nunca deixaram de fantasiar e realçar as causas que poderiam lhe causar percalços e dificuldades sociais e individuais, como por exemplo, sua cor, origem humilde, carreira difícil, humilhações e doença nervosa; para ele as adversidades enfrentadas pelo escritor não parecem ter ido além ao de outras pessoas, nem a sua vida foi particularmente árdua. Candido (1995) ainda afirma que a cor não parece ter sido motivo de menosprezo e que sua condição social também não foi sinônimo de impedimentos; para fundamentar seu argumento ele cita a relativa facilidade da sua vida pública e a trajetória “tranquila” do escritor, que foi tipógrafo, jornalista e alto funcionário, como também a sua condição social que nunca o impediu que fosse íntimo, desde jovem, dos filhos do Conselheiro Nabuco<sup>3</sup>, Sizenando e Joaquim.

Machado participou da vida política carioca, chegando a ocupar cargos públicos, como de oficial de gabinete do ministério da agricultura, no entanto, fazia questão de marcar rigidamente suas distâncias no que tange à vida pública. Só foi candidato à presidência da Academia Brasileira de Letras, para a qual se elegeu e exerceu funções enquanto viveu. Foi um homem público, a seu modo, mas sem mesclar-se com as instituições reconhecidas como gestoras do estado; seu cargo de

---

<sup>3</sup> Conselheiro Nabuco foi um dos grandes diplomatas do Brasil Império (1822-1889), além de orador, poeta e memorialista.

funcionário público de alto nível, que lhe garantia a sobrevivência com dignidade, não parece ter influenciado decisivamente em suas posições éticas e políticas (Ribeiro, 1996).

O escritor publicou seu primeiro poema, "Ela", em 1855, após tornar-se colaborador do jornal *Marmota Fluminense*; no ano posterior atuou como aprendiz de tipografia na Tipografia Nacional, teve aulas de francês e latim com o professor Padre Antônio José da Silveira Sarmiento e tornou-se o revisor de provas de tipografia e da livraria do jornalista Paula Brito, onde conheceu membros da Sociedade Petalógica<sup>4</sup>. Vale salientar que o escritor começou a ganhar notoriedade por meio do jornalismo escrevendo crônicas diárias sobre sessões parlamentares e do cotidiano da cidade que residia<sup>5</sup>. Machado trabalhou no jornal *O Diário do Rio de Janeiro*, na década de 1860, e publicou crônicas intituladas *Comentários da semana* que chegaram a ficar suspensas por um período porque ele foi sancionado por defender uma linha política diferente da do jornal (Granja, 1998). Fatos como esses expõem o perfil do autor de fazer de seus escritos, desde o princípio, um meio de manifestar-se e tecer críticas sociais e políticas da sociedade a qual estava inserido e salienta a importância dos comentários sobre assuntos políticos nas crônicas Machadianas, que era de seu interesse retratar.

Granja (1998) afirma que é possível acompanhar, nos primeiros anos da década de 1860, o desenvolvimento de um estilo literário que se configura como um estilo narrativo superior. Com o passar dos anos, o narrador que se desenvolve, já nessas crônicas de Machado, é um narrador brincalhão, que deseja marcar a sua superioridade, volúvel e que estaria, através de uma redução estrutural, representando uma circunstância histórica. Ainda para Granja (1998), a posição de autoridade do narrador machadiano é notória tanto em escritos jornalísticos, quanto em seus romances. O caráter irônico e brincalhão se revela através de uma estratégia de argumentação maliciosa, uma vez que manipula a seu favor a tradição literária na

---

<sup>4</sup> Liderada por um intelectual negro, Francisco de Paula Brito, a Sociedade Petalógica identificava e desmascarava mentiras que movimentavam a política da época. Reuniu grandes intelectuais, poetas, artistas, abolicionistas e pessoas do povo para investigar e desmascarar os mentirosos com bom humor e ironias. (Alma Preta, 2021) Disponível em <https://almapreta.com.br/sessao/cultura/sociedade-petalologica/>, consultado em 15/09/2024.

<sup>5</sup> Informações retiradas de uma homenagem à Machado de Assis feita pelo Portal Domínio Público em parceria com a biblioteca digital do MEC e o Núcleo de Pesquisa em Informática, Literatura e Linguística (NUPILL), da Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em <https://machado.mec.gov.br/> - consultado em 16/06/2024.

qual escreve para envolver o leitor. A ironia também se endereça a elementos do contexto social que representa.

Esse narrador utilizado por Machado fala diretamente com o leitor – fazendo-o submergir no universo retratado por ele – e tece severos julgamentos ao modo de vida burguês, aspecto que pode ser observado nitidamente no romance que está sendo estudado, uma vez que é dentro dessa camada que a história de Guiomar se desenrola e, com sua aversão à burguesia, Machado de Assis em *A Mão e a Luva* faz duras críticas sociais. A vista disso, Chalhoub (2003) afirma que, ao contar suas histórias, Machado de Assis escreveu e reescreveu a História do Brasil no século XIX e que para ele interessava desvendar o sentido dos processos históricos referidos, buscando suas causas mais profundas, não necessariamente evidentes na observação da superfície dos acontecimentos.

O célebre escritor cobriu com seus escritos a segunda metade do século XIX praticamente inteira, período em que as prerrogativas da dominação paternalista, estavam por toda parte. Machado, como um sujeito de sua época, não estava imune a elas, todas essas questões o atravessavam e conseqüentemente, também os seus escritos. Machado de Assis foi um interprete incansável do discurso político possível aos dominados em situações que eram consideradas rotineiras, traziam sempre o risco do deslize, da palavra dita em má hora, provocando, em contrapartida, os atos de agressão e humilhação partindo dos detentores das prerrogativas senhoriais (Chalhoub, 1998).

Escritor negro, Machado de Assis, como já citado, foi contemporâneo do terrível período da escravidão no Brasil, também viu o doloroso e lento processo de abolição, onde foram promulgadas várias leis, como a de 1871, que tinha por objetivo prorrogar o sistema escravista o máximo possível. A esse respeito Chalhoub (2003, p 206) afirma:

No que tange à lei de 1871, é provável que Machado não tenha ficado imune à certa guinada, ocorrida precisamente em 1879, quanto ao seu significado político. Como vimos, Machado de Assis, funcionário e cidadão, acreditara que a lei de 28 de setembro fora passo importante para a emancipação dos escravos e, por conseguinte, para a transformação da sociedade brasileira. O literato elogiava os seus efeitos em crônicas; o barnabé lutava com denodo para que fosse cumprida. [...] ele acreditou sempre que a lei de 1871 mudara mesmo

as coisas, pois que impusera derrota decisiva à classe senhorial, e nisso expusera-lhe as entranhas ideológicas, por assim dizer.

A lei de 1871, que ficou conhecida como lei do ventre livre, determinava que ao engravidar as mulheres escravizadas dariam à luz a bebês livres, desse modo não nasceria mais escravizados no Brasil. A nova lei gerou agitação nos âmbitos políticos, social e econômico, havendo muita resistência à sua aplicação. Joaquim Nabuco achava que a lei de 28 de setembro de 1871 produziria novos moldes sociais e “novos tipos humanos” (Chalhoub, 2003), sendo esses os filhos de escravizadas que não mais herdariam a condição de suas mães.

Esse processo atravessou diretamente Machado de Assis em sua trajetória literária, como também em sua carreira como funcionário público, e é nesse contexto que ele escreve, em 1871, *Mariana*. Poucos anos depois ele se tornou funcionário do Ministério de Agricultura, passando a chefiar a parte que era encarregada de acompanhar a aplicação da lei de 1871, desse modo ele, como funcionário e cidadão, estava em constante interação com os “novos tipos de humanos” e se fez um romancista original no meio desse processo (Chalhoub, 2003).

Machado de Assis publicou seu primeiro livro de versos, *Crisálidas*, em 1864; seu primeiro romance, *Ressurreição*, em 1872 e, dois anos depois, o romance estudado aqui é editado e publicado em formato de livro. A escrita machadiana passou por dois momentos, a fase realista, sendo o responsável por introduzir tal estilo literário no Brasil e a fase romântica, na qual, em todas as obras criadas, as figuras femininas têm papel centralíssimo, ainda que viesse disfarçado pela presença de um protagonista masculino (Ribeiro, 1996), e foi nessa segunda fase que ele escreveu *A mão e a luva*.

Para Ribeiro (1996), Machado de Assis foi um indivíduo obstinado e paciente na arte de desconstruir mitos. Toda a sua força criadora esteve sempre voltada para a análise e desmitificação dos arquétipos criados pelos ficcionistas românticos. Ele percebeu que tais figuras, em especial as figuras femininas, estavam ali para cimentar e consolidar determinadas expectativas sociais e políticas, com as quais ele não concordava e evidenciava em suas obras sua rejeição a essas concepções.

Tratou de descer a mulher do trono inacessível em que a colocara Alencar e fê-la descer para o pó da vida e tisonar a sua decantada pureza na pequenez dos pecados de cada dia. Não construiu um mundo de bacanais, nem um antro de perdições; apenas nos ofereceu mulheres de carne e osso, capazes de assumir um corpo e os desejos dele constitutivos, sem nunca cair na grosseria e na exaltação gratuita de uma genitalidade mal resolvida. Aliás, nele não encontramos nunca uma única cena de aproximação física entre homens e mulheres. Tudo se passa no plano das relações públicas de sociabilidade (Ribeiro, 1996, pp. 21-22).

Em *A mão e a luva* Machado de Assis demonstra veemente esse aspecto, ao apresentar, nas suas personagens femininas, principalmente em Guiomar, um cotidiano despido das malhas do universo privado, trazendo à luz uma jovem que tem desejos, ambições, pretensões e sentimentos, tirando a mulher de um lugar idealizado proposto por outros autores. Assim, para além do lado do imaginário do cotidiano abordado, que foi concebido atrelado às experiências e vivências do autor em que as personagens vivem nas instituições, sejam familiares ou sociais, surge um texto em que as próprias instituições viram também tema central das suas narrativas (Ribeiro, 1996).

Nenhum outro escritor de sua época foi tão longe nas críticas e denúncias, no âmbito político, social e também familiar. Machado de Assis, em suas narrativas, tratava o lado “feio” da tão moderna burguesia, das relações e prerrogativas sobre as quais estava sustentada, apresentava manipulações e o adultério que estava mais que presente nessa camada social. Suas personagens femininas fogem do padrão que deveria ser seguido até mesmo na construção de personalidades fictícias, elas tiveram papel ativo e transgressor durante o discorrer das histórias machadianas, não carregam apenas o papel de submissão. Tais peculiaridades fazem de Machado de Assis um ícone atemporal que conseguiu, por meio de sua literatura, trazer aspectos históricos da época em que viveu de forma brilhante.

[...] Machado de Assis propõe uma leitura da realidade social de seu tempo extremamente cética e negativista. Ele não se alinha entre aqueles que acreditam no progresso a qualquer preço e na permanente melhoria do ser humano. Ao contrário, a constituição do seu imaginário tende para um progressivo esvaziamento dos conceitos básicos de que se alimenta a máquina ideológica dominante. Ele é o romancista da descrença e da desconfiança. Ele

nos faz ver o que é o mundo, sem que o aceitemos, nem como permanente, nem como justo (Ribeiro, 1996, p.411)

Durante sua carreira, Machado demonstrou uma grande preocupação permanente em trabalhar com a matéria de memória. Para ele, a ficção encontra sua matéria-prima nos fatos já trabalhados pelo tempo, de forma a apresentarem-se desbastados de uma contemporaneidade que lhes poderia dar um tom jornalístico. E para realçar tal escolha, sua linguagem é cuidadosamente trabalhada de forma a afastá-la definitivamente do emprego cotidiano (Ribeiro,1996). Seus romances exalam culturalidade, traços e costumes da sociedade retratada e o imaginário criado por ele é considerado mais que satisfatório para um historiador utilizar, pois, como afirma Pesavento (2006), o mundo da ficção literária, mundo verdadeiro das coisas de mentira dá acesso para os historiadores, senso, percepção e formas de ver a realidade de um outro tempo, fornecendo pistas e traços daquilo que poderia ter sido ou acontecido no passado e que os historiadores buscam.

Mesmo com suas obras alcançando um enorme reconhecimento e a posição social de destaque que conquistou, o escritor se mantinha à parte da vida pública. Machado não costumava frequentar os grandes bailes organizados nos grandes salões burgueses, costumava transitar por alguns pontos geográficos da cidade do Rio de Janeiro, principalmente espaços populares, e em muitas de suas obras retrata com descrições detalhadas alguns desses locais, as paisagens, as características sociais e as relações cotidianas.

Sua oposição visceral às formas de convivência adotadas pela sociedade é tão evidente em suas obras que parece difícil imaginar que, na vida pessoal, elas não se constituíssem num parâmetro decisivo de sua relação com o mundo. O quase-retrato em que sempre viveu, ao lado de sua Carolina, é poderoso argumento nessa direção. Machado nunca foi um homem de salões, nem freqüentava a Corte. Vivia na “sociedade”, não com ela (Ribeiro, 1996, p.412)

Deixando um vasto legado, tendo conquistado a admiração de inúmeros artistas e intelectuais brasileiros renomados e importantes, alguns tornando-se amigos pessoais, e tendo conquistado também o reconhecimento do seu público leitor, Machado vem a falecer em 29 de setembro de 1908, aos 69 anos de idade, em sua

residência, na cidade do Rio de Janeiro, em decorrência de um câncer. Antes de ser levado para ser sepultado junto à sua esposa no cemitério de São João Batista, Machado é levado à Academia de Letras, onde recebeu homenagens dos seus colegas e amigos. Entre os amigos e companheiros estava Rui Barbosa, que foi designado pela Academia de Letras para proferir o discurso de despedida do célebre escritor, no qual ele disse:

Mestre e companheiro, disse eu que nós íamos despedir. Mas disse mal. A morte não extingue: transforma; não aniquila: renova; não divorcia: aproxima. Um dia supuseste "morta e separada" a consorte de teus sonhos e de tuas agonias, que te soubera "pôr um mundo inteiro no recanto" do teu ninho; e, todavia, nunca ela te esteve mais presente, no íntimo de ti mesmo e na expressão do teu canto, no fundo do teu ser e na face de tuas ações. Esses quatorze versos inimitáveis, em que o enlevo dos teus discípulos resume o valor de toda uma literatura, eram a aliança de ouro do teu segundo noivado, um anel de outras núpcias, para a vida nova do teu renascimento e da tua glorificação, com a sócia sem nódoa dos teus anos de mocidade e madureza, da florescência e frutificação de tua alma. Para os eleitos do mundo das idéias a miséria está na decadência e não na morte. A nobreza de uma nos preserva das ruínas da outra. Quando eles atravessam essa passagem do invisível, então é que entramos a sentir o comêço do seu reino, o reino dos mortos sobre os vivos.<sup>6</sup>

Como por ele determinado em vida, Machado de Assis foi enterrado na mesma sepultura de sua esposa, Carolina Augusta Xavier de Novais, no cemitério São João Batista.<sup>7</sup> Carolina era portuguesa, no entanto viveu no Brasil por mais de 30 anos ao lado do marido, autor de obras referenciais da literatura brasileira. Carolina, mesmo tendo sido responsável por apresentar clássicos que Machado ainda não conhecia e exercido o papel de crítica implacável do que o autor escrevia, é uma figura quase desconhecida. A não ser pelo período que viveu no Rio de Janeiro e por ter sido casada com um dos autores mais importantes do século XIX, pouco se sabe sobre

---

<sup>6</sup> Fragmentos de textos de autores contemporâneos a Machado de Assis, retratando aspectos da vida do autor, sua obra e também trechos que retratam a sua morte. Assim como a obra de Machado, as criações desses autores já são de domínio público. Disponível em <https://machado.mec.gov.br/> - consultado em 16/06/2024.

<sup>7</sup> Informações retiradas de uma homenagem à Machado de Assis feita pelo Portal Domínio Público em parceria com a biblioteca digital do MEC e o Núcleo de Pesquisa em Informática, Literatura e Linguística (NUPILL), da Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em <https://machado.mec.gov.br/> - consultado em 17/09/2024.

sua vida e trajetória.<sup>8</sup> Mas por que há tão poucos registros e pouco se sabe sobre uma mulher que exerceu forte influência na trajetória de um dos maiores literatos do Brasil? É acerca dessa inquietação que trataremos no próximo tópico.

### **1.3- Mulheres e ficção: representação e autoria**

Muito se fala sobre mulheres, muito se diz sobre o que elas são ou como deveriam se comportar. Desse modo, há uma profusão de discursos e concepções construídas sobre as mulheres, uma série de imagens idealizadas, dentre elas, as imagens literárias, em sua maioria produzidas por homens, que comumente ignoravam o que elas pensavam ou sentiam (Perrot, 2007). Em consonância com Perrot, De Castro (2020, p. 91) afirma: “Reprimido, disciplinado, dissecado, analisado, discutido e representado à exaustão pelos homens, a imagem do corpo feminino também foi socialmente empregada para diversos outros fins, como suporte à propagação de ideias e ideais.”

Quanto aos observadores, ou aos cronistas, em sua grande maioria masculinos, a atenção que dispensam às mulheres é reduzida ou ditada por estereótipos. E claro que falam das mulheres, mas generalizando. "As mulheres são...", "A mulher é...". A proximidade do discurso sobre as mulheres contrasta com a ausência de informações precisas e circunstanciadas. O mesmo ocorre com as imagens. Produzidas pelos homens, elas nos dizem mais sobre os sonhos ou os medos dos artistas do que sobre as mulheres reais. (Perrot, 2007, p 17)

Assim sendo, o “ser mulher” é cercado por um imaginário enraizado e propagado na sociedade, sendo que “o imaginário encontra a sua base de entendimento na idéia da representação” (Pesavento, 2006, p 12). O texto literário do século XIX no Brasil, principal fonte utilizada nessa pesquisa, também foi um meio que reproduziu esse imaginário acerca das mulheres. Elas, bem como suas diversas

---

<sup>8</sup> Informações retiradas de A improvável biografia de Carolina, disponível em <https://www.extraclasse.org.br/cultura/2021/11/a-improvavel-biografia-de-carolina/> consultado em 17/09/2024

condições e realidades que as diferenciavam, foram representadas sob a ótica masculina nos romances brasileiros. Tem-se como exemplo “os perfis de mulher” criados por Alencar, dentre eles o romance *Senhora*, onde é apresentada uma mulher astuta, articulada e com uma postura que transgredia a norma social – contudo seu autor finaliza a obra prostando-a aos ideais de feminilidade que regia aquele período – e *Lucíola*, no qual Alencar escreve sobre uma cortesã da sociedade carioca que busca sua redenção e, por meio dela, ser digna para o amor.

Machado de Assis igualmente se insere nessa conjuntura, pois também escreve inúmeras representações de mulher em seus romances. Isso pode ser observado em *Dom Casmurro* e *Quincas Borba*, com a construção das personagens Capitu e Sofia, respectivamente. Essas representações podem ser também encontrado em *A mão e luva*, onde o autor, em um único romance, apresenta uma série de representações de mulheres: a protagonista transgressora que busca assegurar-se, tanto social como financeiramente, através de um casamento bem sucedido; a baronesa, uma viúva rica que anseia por exercer a maternidade e uma imigrante que exerce o papel de governanta e usa dessa posição para manipular situações que envolvem as pessoas que residem na casa onde ela trabalha.

Mas por que todos os escritos sobre mulheres e suas representações por muito tempo foram construídas apenas por homens? Michele Perrot (2007, p 16) atribui isso ao fato de

Em primeiro lugar, porque as mulheres são menos vistas no espaço público, o único que, por muito tempo, merecia interesse e relato. Elas atuam em família, confinadas em casa, ou no que serve de casa. São invisíveis. Em muitas sociedades, **a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas. É a garantia de uma cidade tranqüila (Grifo nosso)**

Contribui-se também para esse silêncio e invisibilidade, o fato de que quando as mulheres se casavam, muitas vezes sem terem o direito de escolha, elas deixavam de ser tuteladas pelo pai, e seus maridos se tornavam seus senhores e donos. Desse modo, estavam fadadas à vida e atividades domésticas, com isso, é bem provável que elas tivessem poucas oportunidades para escrever e não tinham incentivo algum (Woolf, 2019). Outro aspecto que coopera para tantas representações e imaginários masculinos sobre as mulheres na literatura é que, por meio dela, os homens

encontraram maneiras de projetarem a figura masculina com um tamanho além do real e a figura de referência era sempre a mulher, por isso a necessidade de frequentemente ter a representação feminina nos textos literários, em muitos casos de forma inferiorizada. Uma outra causa contribuinte, é o fato de que as mulheres enfrentam enormes barreiras no campo intelectual, criativo e financeiro, o que, conseqüente, refletirá na dificuldade de produzir textos literários e científicos (Woolf,1985)<sup>9</sup>.

Perrot (2007) ainda afirma que havia uma desvalorização das mulheres por elas mesmas e elas próprias destruía e apagavam esses vestígios porque os julgavam sem interesse e sem valor, pois eram apenas mulheres as quais a vida, relatos e registros não contavam muito. Também havia a existência de um pudor feminino que se estendia à memória, a destruição desses documentos – especialmente diários e cartas – estava atrelada à noção de honra, que poderia ser maculada por algum conteúdo que neles continham. Quando esses vestígios não eram destruídos ou apagados pelas próprias mulheres, eles não eram considerados dignos de serem conservados, isso se dava pela resistência de considerar arquivos privados como fontes e por uma resistência ainda maior em considerar os documentos provenientes das mulheres, ou seja, as relações desiguais de gênero também determinavam o que seria conservado e o que seria descartado.

Outro ponto que vale ser salientado, que corrobora de forma direta para ausência das mulheres nos arquivos, é que mesmo que essa documentação “sobreviva” acaba se tornando um anexo a mais em registros correspondentes a seus maridos, seus pais ou outras figuras masculinas. Virgínea Novack Santos da Rocha (2017), ao realizar uma pesquisa sobre escritoras mulheres – que, como ela afirma, sempre existiram e escreveram, porém, suas histórias eram apagadas não só por questões sociais, econômicas, mas substancialmente por elas serem mulheres – explica:

A partir desse número mínimo buscamos encontrar as mulheres escritoras que tenham sido citadas mais comumente nessas histórias, o que mais uma vez foi difícil de encontrar, uma vez que grande parte dessas mulheres é apresentada como esposa ou parente de algum dos homens apresentados como em Bueno (2007): “Carolina [esposa

---

<sup>9</sup>Baseado em palestras ministradas por Virginia Woolf, em 1928, o ensaio foi publicado pela primeira vez em 1929, no entanto a edição aqui utilizada foi publicada em 1985.

de Machado de Assis]”, “Idalina [amante de Castro Alves], ou ainda “Maria Belisário Brito Rangel [prima e esposa de Fagundes Varela]” (Rocha, 2017, p 157).

Além dessas documentações possibilitarem estudos acerca do cotidiano das mulheres e as práticas femininas que neles eram encontradas, elas possibilitam romper com as representações que se fizeram por muito tempo sobre as mulheres (Del Priore, 2011, p 8). Com o passar dos anos foi aumentando o anseio e pretensão de criticar os saberes e ideais construídos, que foram dados como universais e constantemente atrelados com o caráter majoritariamente masculino, assim, houve, nos anos 1970-1980, um desejo de mudança desse paradigma que afetou principalmente as ciências sociais e humanas, nascendo então o desejo de uma outra narrativa, de uma outra história para além da história feita pelos homens e para homens (Perrot, 2007).

Dessa maneira, a história das mulheres passa por mudanças, deixa de ser uma história apenas do corpo e das suas funções desempenhadas na vida doméstica e privada para chegar a uma história das mulheres nos espaços públicos urbanos, dos trabalhos, da criação, uma história de mulheres ativas nas múltiplas interações que provocam a mudança, e assim, expande-se suas perspectivas espaciais, religiosas e culturais (Perrot, 2007). Para que essa mudança acontecesse foi necessário buscar por essas fontes sobre as mulheres e principalmente buscar por fontes produzidas pelas mulheres, como os documentos, diários, cartas, dentre outros diversos vestígios deixados por elas, que por tanto tempo foram negligenciados e desconsiderados, pois, além da problemática da discriminação devido ao gênero, não eram documentos oficiais, que foram tão supervalorizados entre os estudiosos.

No início do século XIX algumas mulheres começaram a escrever, mesmo ainda vivendo quase exclusivamente em sua casa, nas atividades domésticas e em suas emoções. Quando começaram a escrever e a criar ficção, a maioria das mulheres tinha como gênero dos seus escritos o romance (Woolf, 2019). É imprescindível salientar que essas mulheres eram brancas, abastadas e de classe social elevada, que tiveram acesso à alfabetização, mas ainda entre esse restrito grupo, seria necessário que essas mulheres tivessem seu próprio dinheiro e uma residência delas se pretendessem mesmo escrever ficção (Woolf, 1985), pois, devido

à ausência de recursos financeiros, tempo livre e espaço físico para se dedicarem à literatura com privacidade, historicamente a autonomia das mulheres foi bastante limitada e suas produções comprometidas. Além do mais, as mulheres foram desencorajadas de escrever por não terem acesso à educação formativa que as preparassem para produzir textos literários

Devido a questões como essas que o gênero predominante entre as escritoras, inicialmente, foi o romance, sendo que eram majoritariamente autobiográficos, onde essas mulheres acabavam colocando um pouco de suas vivências nos textos que escreviam, e um dos motivos que as levavam a essas produções nesses moldes era o desejo de expor seus próprios sofrimentos, defender suas causas e, a partir daí, as mulheres começaram a explorar seu próprio sexo, a escrever sobre as próprias mulheres, rompendo com o paradigma de estarem presentes na literatura apenas como criações dos homens (Woolf, 2019<sup>10</sup>).

Depois de conseguirem escrever sobre si próprias de maneira mais formal e reconhecida, surge uma outra problemática, pois os romances de autoria feminina não alcançavam a proporção que os de autoria masculina. Woolf (2019) afirma que mesmo que os romances produzidos por mulheres fossem brilhantes, ainda estavam atravessados pelo seu gênero, pois as autoras ainda eram excluídas de inúmeros tipos de experiências, o que refletia de maneira direta sobre suas ficções. Sem as condições que Woolf (1985) diz serem básicas – uma mulher precisa de uma renda fixa e suficiente por ano, como também um local próprio para criar com liberdade e sem interrupções – é muito difícil que elas possam alcançar o mesmo sucesso que homens em seus escritos.

Para além da representação na literatura, a imagem da mulher foi utilizada em outros âmbitos, porém, também rodeada de interesses. No Brasil do século XIX, a imagem das mulheres foi amplamente usada em propagandas nos periódicos. Mesmo que dentro dos limites morais da época, a imagem feminina era apresentada em muitos casos de forma sensual, sendo que essa exposição, tal qual uso da figura e do corpo feminino, majoritariamente servia para chamar atenção dos leitores e sugerir-lhes

---

<sup>10</sup> Foi publicado pela primeira vez em março de 1929 na revista *The Forum*, mas a edição utilizada neste trabalho foi uma versão publicada em 2019.

produtos que, tendo em vista a ascensão burguesa, ressaltariam o prestígio e o status social.

Para estimular o consumo, já no final dos oitocentos, a publicidade associava a imagem feminina a toda sorte de produtos. Em muitos desses anúncios, é possível perceber a intenção de despertar a atenção e o desejo do leitor através da representação sensual do corpo da mulher tornando igualmente desejável tudo aquilo que com ela se oferecia. O sucesso desta estratégia de venda, como sabemos, foi tamanho, e os corpos femininos nunca mais deixaram de ser padronizados, exibidos e ofertados, simbolicamente ou de fato, mesmo após tantas lutas feministas. (De Castro, 2020, p. 94)

Mesmo com esse contexto, no Brasil, as primeiras aparições de autorias femininas, para além da escrita privada, foram expostas, em um primeiro momento, nas folhas impressas dos periódicos, sendo esses voltados para mulheres. Embora os jornais direcionados para o público feminino estivessem em circulação desde as primeiras décadas do século XIX, a colaboração das próprias mulheres na imprensa como escritoras, começava a dar os primeiros passos, ainda que de forma muito escassa (Jinzenji, 2012).

A escassez de textos provenientes da produção feminina no Brasil pode ser também explicada pela tese de Woolf (1985) das necessidades básicas para uma mulher poder se dedicar a arte da escrita, bem como pelo fato da educação e alfabetização ser pensada, organizada e aplicada de maneira diferente entre os meninos e as meninas, sendo que as meninas eram educadas em casa e tiveram acesso tardio à escola, pois foram excluídas da educação pública por longos períodos.

Mesmo após “terem acesso” à escolarização fora de suas residências, o público feminino ainda era inferior ao público masculino atendido nos espaços públicos de educação. Jinzenji (2012, p 371) afirma que:

Várias eram as razões para a desproporção do público feminino nas escolas, estando entre elas, a resistência das famílias. Fosse por questões de natureza moral ou pela importância das filhas e filhos como força de trabalho para a manutenção familiar, isso indica que a legitimação da escola na sociedade enfrentou percursos tortuosos.

Desse modo, pode-se dizer que a educação tendo sido negligenciada e dada às mulheres em condições inferiores, juntamente a outras questões aqui já apontadas, refletiram e resultaram na lenta aparição de produções femininas. Com essa enxurrada de impedimentos, dificuldades e exclusões, as mulheres tiveram como consequência a tardia entrada no mundo da criação ficcional e literária, o que se tornou um impasse para autonomia e liberdade criativa, refletindo diretamente na persistente propagação das representações da imagem das mulheres construídas pelos homens.

## CAPÍTULO 2: Identidades em jogo

### 2.1- “A filha do meu coração”: a inserção de Guiomar na sociedade burguesa

No século XIX “cada vez mais é reforçada a ideia de que ser mulher é ser quase integralmente mãe dedicada e atenciosa, um ideal que só pode ser plenamente atingido dentro da esfera da família ‘burguesa e higienizada’” (D’Incao, 2011, p 229). No entanto, ao analisar a história da personagem Guiomar, nota-se que Machado de Assis aborda essa temática trazendo dois contextos diferentes do materno que coexistiam naquele período, pois, para além da maternidade burguesa, o autor, ao se referir à infância de Guiomar, apresenta a maternidade da mulher pobre – a mãe biológica de Guiomar – que, ao ficar viúva, assume a função de provedora da casa, além da função de educar e cuidar de sua criança:

Legando a viúva o cuidado de a educar e manter. A viúva era uma mulher enérgica e resoluta, enxugou as lágrimas com a manga do modesto vestido, olhou para frente e determinou-se a luta e a vitória. [...] Sua mãe depois que lhe morrera o marido, não tinha outro cuidado na terra, nem outra ambição mais, que a de vê-la prendada e feliz. Ela mesma lhe ensinou a ler mal, como sabia, e a coser e bordar, e o pouco mais que possuía de seu ofício de mulher (Machado de Assis, 2021, p 30<sup>11</sup>).

Isso evidencia que a mãe de Guiomar, por circunstâncias naturais e sociais, teve de assumir o papel da mãe que também trabalha fora do seu lar para conseguir o sustento para si e para sua prole, porém, mesmo vivendo nessa conjuntura, não deixou de passar para a menina o que era de se esperar que uma mulher naquela época deveria saber, educação para o lar e o “ofício de ser mulher”.

Já ao abordar sua adolescência, após também ficar órfã de mãe, o escritor mostra um outro perfil de maternidade ao tratar da Baronesa, o perfil da maternidade burguesa, que tem um viés bem diferente do modelo de mãe das classes mais baixas. Embora ambas compartilhem do infortúnio da viuvez e do amor devocional às filhas, as circunstâncias que as acompanham são distintas, a mulher burguesa daquele período não tinha a necessidade de assumir o papel de provedora,

---

<sup>11</sup> A obra foi publicada pela primeira vez no ano de 1874, no entanto, será referenciado o ano em que a edição utilizada neste trabalho foi publicada.

consequentemente, não precisava sair do íntimo do seu lar para a vida pública do trabalho.

A viuvez atinge necessariamente grande parte das mulheres. É um período bastante ambivalente, vivido diferentemente de acordo com os meios sociais, as situações de fortuna e os contratos de casamento. (Perrot, 2007, p48)

É importante salientar que, juntamente com os dois modelos apresentados por Machado de Assis, coexistiam outros, como, por exemplo, as amas de leite e escravizadas ou pobres livres, que praticamente tinham as possibilidades de maternar para seus próprios filhos anuladas, uma vez que a ideologia que era disseminada fortemente no século XIX, e exaltava a maternidade, não incluía as mulheres escravizadas. Essas eram vistas por seus senhores apenas como meios de reprodução para aumentar a mão de obra escrava, como a própria mão de obra e como alternativa para amamentar os filhos das sinhás, ou seja, não eram vistas como verdadeiras mães aos moldes estabelecidos (Davis, 2016).

Ainda que houvesse essas dissidências no que tange às maternidades, o amor materno foi sendo construído e imposto como um elemento natural que todas as mulheres já nasciam com ele, ou seja era como algo que faz parte da natureza da mulher, seja qual for o meio social que a cerca. Ao tornar-se mãe, a mulher naturalmente encontraria maneiras para exercer seu papel materno, conforme o ideal de devoção a sua nova condição (Badinter, 1985). Contudo, nem sempre houve essa valorização exacerbada da maternidade, a própria Badinter (1985) afirma que não havia um apego pelos filhos advindo do casal, em alguns casos a criança era vista como empecilho, com isso, o costume de deixar os filhos na casa de amas de leite se tornou generalizado entre as mulheres burguesas da França durante o século XVII, que pensavam ter coisas melhores a fazer e posteriormente esse costume se espalha para outras regiões.

No Brasil, acrescido desse fator, houve por um longo período – final do século XVIII permeando o século XIX – a prática do abandono de crianças na roda dos enjeitados, tal costume pode ser interpretado como uma forma de garantir às crianças uma melhor condição de criação, caso seus pais fossem pobres, mas essa interpretação deixa de ser a única, pois, além das mulheres pobres e escravizadas,

mulheres brancas e de classes mais abastadas também abandonavam seus filhos (Venâncio, 2004). Um dos fatores que levava a mulher branca de alta posição a deixar um bebê na roda era o aspecto moral que regia a sociedade, ter um filho ilegítimo a deixaria diante de uma condenação moral (Venâncio, 2004). “Para esse fenômeno, devidamente constatado pelos historiadores, encontraram-se várias justificativas econômicas e demográficas. O que equivale a dizer que o instinto da vida suplanta o instinto materno” (Badinter, 1985, P 20).

Só no final do século XVIII é que mudam esses valores no que tange a maneira de enxergar o amor por um filho, principalmente quando se trata do amor de uma mãe. A maternidade passa a ser uma necessidade, a amamentação, antes repudiada, passa a ser estimulada, pois constataram que o aleitamento e cuidado materno era essencial para que a criança crescesse saudável e com maior expectativa de vida, desse modo, estariam criando novos cidadãos fortes para a pátria. Assim, a maternidade passa a ser uma obrigação para as mulheres, como afirma Badinter (1985, p 145):

É no último terço do século XVIII que se opera uma espécie de revolução das mentalidades. A imagem da mãe, de seu papel e de sua importância, modifica-se radicalmente, ainda que, na prática, os comportamentos tardassem a se alterar. Após 1760, abundam as publicações que recomendam às mães cuidar pessoalmente dos filhos e lhes "ordenam" amamentá-los. Elas impõem, à mulher, a obrigação de ser mãe antes de tudo, e engendram o mito que continuará bem vivo duzentos anos mais tarde: o do instinto materno, ou do amor espontâneo de toda mãe pelo filho.

Além disso, a maternidade também podia ser compreendida como uma espécie de micropoder pelas mulheres, pois “como a função materna é um pilar da sociedade e da força dos Estados, torna-se um fato social. A política investe no corpo da mãe” (Perrot, 2007, p 69). Assim, algumas mulheres passaram a ter a percepção que, ao desempenhar o trabalho maternal, disseminado como essencial para a sociedade, ganhavam uma importância que antes não possuíam, ou seja, passaram a acreditar que isso lhes garantiria respeito, valorização de sua utilidade e reconhecimento de seu papel específico, vendo essa tarefa como necessária e considerada nobre.

Contudo, este mesmo processo de sentimentalização do espaço privado familiar, que confinou a mulher ao lar, outorgou também a ela uma nova forma de poder, um poder não sobre os bens patrimoniais

ou a gestão econômica, mas sobre os bens "simbólicos" dos filhos, uma vez que ela se torna produtora de sentido, nomeadora de seus atos e sentimentos, produtora de mandos e dúvidas. (Rocha-Coutinho, 1992, pp 31-32)

Enquanto a imagem do pai e de sua presença passa a se reduzir à ajuda em momentos específicos, exaltam-se incansavelmente as ternuras da maternidade, objetivando mascarar a ideia de um dever imposto para se tornar uma atividade desejável e invejável que uma mulher possa exercer (Badinter,1985). É justamente depois dessas mudanças na concepção de maternidade e quando a noção de realização feminina está em cuidar de seus filhos, que a história de Guiomar se desenrola. História essa que está diretamente perpassada pela maternidade, ou melhor, maternidades, uma vez que ela vivencia o ser filha de uma mãe pobre e o ser filha (adotiva) de uma mãe burguesa, mas principalmente por ser pelo amor que sua madrinha tinha por ela, pelo desejo de sua madrinha e/ou pressão social para exercer a maternidade completa, que Guiomar adentra à sociedade burguesa.

Quando Guiomar ficou órfã, aos 13 anos, a princípio, sua madrinha a colocou em um colégio interno, onde aperfeiçoaria o que ela já sabia e aprenderia coisas novas. Aos 16 anos a menina passa para um outro colégio, o qual sua madrinha, a baronesa, achava que poderia dar-lhe uma educação mais apurada. Pouco tempo depois morre a filha da baronesa, que tinha a mesma idade de Guiomar, 16 anos, e esse acontecimento a deixou devastada, ao ponto de quase leva-la também à morte, se não fosse pela afilhada. Guiomar era a única capaz de consola-la, fosse por sua afeição ou pela semelhança com a falecida, então a madrinha vai buscar a moça no colégio e daí por diante a tem como a filha que perdera, e a vida de Guiomar muda.

Um dia, em que a afilhada fora visitar a madrinha, esta lhe disse que a iria em breve buscar para sua casa.

-Você será a filha que eu perdi; ela não me amou mais, nem eu já agora teria outra consolação.

-Oh! Madrinha! - exclamou Guiomar beijando-lhe as mãos.

A baronesa estava assentada; Guiomar ajoelhou-se aos pés e pôs-lhe a cabeça no regaço. A boa mãe curvou-se e beijou-lha ternamente, com os olhos naquela filha que os sucessos lhe haviam dado, e o pensamento no céu, onde devia estar a outra, que Deus lhe dera e levou para si (Machado de Assis, 2021, p 33).

O trecho acima evidencia que a baronesa buscava suprir a perda de sua filha biológica e continuara exercer o seu maternar, então a mesma vê na afilhada, a quem já tinha afeição, a oportunidade perfeita para isso, pois ela é uma mãe precisando de uma filha para dedicar-se e devotar-se de acordo os moldes burgueses de maternidade, do mesmo modo Guiomar era uma filha sem uma mãe. Esse aspecto é ratificado quando o autor informa que Guiomar esforça-se para reproduzir o modo de viver da baronesa e de sua filha biológica para que não fosse sentida sua ausência, enquanto a baronesa dedica-lhe exatamente os mesmos cuidados que tinha com a filha falecida.

Levando em consideração que “a verdade da ficção literária não está, pois, em revelar a existência real de personagens e fatos narrados, mas em possibilitar a leitura das questões em jogo numa temporalidade dada” (Pesavento, 2006, p 22), os aspectos da adoção de Guiomar estão atrelados ao ideal que imperava naquele período, que a procriação só teria pleno sentido quando a mãe garantia a sobrevivência da criança até que ela se transformasse em um indivíduo completo. Assim, a maternidade só estaria completa com a formação de um adulto (Bradinter, 1985). Tendo perdido sua filha quando a mesma ainda era uma adolescente, a baronesa teria falhado em sua missão, mas ao adotar Guiomar ela ganhou uma nova chance para cumpri-la por completo.

Do mesmo modo é possível identificar que mesmo que a baronesa tenha adotado sua afilhada por uma questão de afeição e sensibilidade, a relação das duas é permeada de expectativas sociais e interesses pessoais de ambas as partes. A baronesa transfere para Guiomar não só seu amor maternal, mas também suas expectativas sociais ao querer que ela se case com seu sobrinho, o que de certo modo iria garantir a continuidade de sua família e status social. Esses anseios evidenciam que essa maternidade, apesar de afetuosa, estava também atrelada com prerrogativas sociais e interesses.

A baronesa, pela sua parte, queria-lhe muito. Guiomar e ele eram as suas duas afeições principais, quase exclusivas. Tal era a pessoa cujos interesses defendia Mrs. Oswald, por amor da baronesa, e não menos de si própria. A baronesa também tinha os seus sonhos, como ela mesma disse, e esses eram deixar felizes aquelas duas crianças (Machado de Assis, 2021, p 42).

Embora Machado de Assis não traga a maternidade como centro ou um aspecto de grande destaque em *A mão e a luva*, ela é abordada de maneira bem significativa, permitindo assim que o leitor tenha um panorama representativo da maneira como a sociedade da segunda metade do século XIX no Brasil enxergava a temática e como ela impactava diretamente nos modos de vida das mulheres de diferentes classes sociais.

Ao analisar este romance em paralelo com a trajetória do próprio escritor, pode-se observar que sua vivência até certo ponto se assemelha com a de Guiomar. Ribeiro (1996) explica que Machado de Assis, como a maioria dos escritores, acabava assimilando suas próprias vivências através da escrita ficcional, projetando-as nas personagens e atribuindo-lhes sentido e organização por meio da mediação da memória e do discurso.

Desse modo, assim como Guiomar, Machado de Assis é proveniente de uma família pobre, sua mãe era uma lavadeira que precisava trabalhar para auxiliar economicamente a família, então, o mesmo esteve diretamente ligado ao tipo de maternidade a qual a mãe precisava exercer outras funções fora do âmbito doméstico, como na representação da mãe biológica de Guiomar. Outro aspecto em comum entre criador e criatura é a orfandade, Machado também perdeu sua mãe ainda na infância, acrescido a isso o jovem também foi amadrinhado por uma viúva rica, que proporcionava o contato do mesmo com pessoas mais abastadas e detentoras de status ao frequentar a sua casa em festas ou reuniões com sujeitos que faziam parte da elite burguesa.

Segundo Perrot (2007, p 116) “uma burguesa, mesmo sendo da classe média, reserva um dia para receber visitas, de maneira faustosa ou modesta, segundo suas disponibilidades”, com essas visitas tais mulheres estavam exercendo um dos seus poderes em relação ao âmbito público, ainda que não fosse considerado como tal, tendo em vista a demarcação cada vez mais intensa do papel da mulher ligado aos filhos.

Este controle da mãe sobre os filhos vai ter uma dupla implicação. Por um lado, ele dá à mulher um tipo de poder muito especial, que não é visível e não lhe traz prestígio social, mas, antes, esconde-se por trás dos panos e foi durante muitos anos um dos lugares de onde as mulheres articularam sua resistência e sua influência sobre o mundo público (Rocha-Coutinho, 1992, p. 36).

Mesmo em uma sociedade gerida por papéis de gênero muito bem definidos e delimitados, nos quais as mulheres consideradas figuras secundárias, não se pode reduzir suas vivências a simples passividade. As mulheres, em sua diversidade, eram atravessadas por diferenças de classe, raça, idade e contexto cultural e a partir desses aspectos adotaram diversas estratégias para agir dentro do sistema que tentava limitá-las ou para transgredi-lo. Muitas vezes utilizaram mecanismos para transgredir expectativas e atuar como agentes ativas tanto na construção da sociedade quanto de suas próprias histórias. É justamente em torno dessa falsa passividade, que na verdade escondia múltiplas formas de resistências, que a próxima seção foi construída.

## **2.2- Feminilidade ou feminilidades? Atendendo ao ideal e/ou transgredindo a ele.**

Ao longo do século XIX, a literatura desempenhou um teor educativo e romanesco para traçar representações de feminilidade, montando uma gama de figuras de mulheres (Perrot, 2007). Esses textos literários, em sua maioria, retratavam as mulheres “como seres passivos, benéficos e com maior senso moral do que os homens, sendo capazes de exercer uma influência positiva sobre eles” (De castro, 2020, p 93). Levando em consideração essa conjuntura, é possível afirmar que as personagens femininas de *A mão e a luva* e até a própria obra são transgressoras para o seu período, mesmo que em diversos momentos estejam alinhadas e atendendo às perspectivas vigentes no período em que foi produzida. Pode-se observar isso em um trecho da conversa entre a baronesa e Guiomar quando elas já moravam juntas:

- Demorei-me hoje mais do que costumo, por causa de um encontro que tive aqui na chácara.
- Um encontro?
- Um homem.
- Algum ladrão?

- Não senhora- respondeu Guiomar sorrindo. – Não era um ladrão. A minha mestra do colégio, sabe que morreu?
- Quem disse isso?
- O sobrinho, o tal sujeito que encontrei aqui hoje.
- Você está zombando comigo! Um homem aqui na chácara?
- Não era bem na chácara, mas no jardim do Dr. Luís Alves. Estava encostado a cerca; trocamos algumas palavras.
- Mas menina isso não é bonito. Que diriam se os vissem?... Eu não diria nada, porque conheço o que você vale, e sei a discricção que Deus lhe deu. Mas as aparências... (Machado de Assis, 2021, p 25)

O diálogo evidencia que Guiomar, uma mulhersolteira, não se viu constrangida por estar sozinha na presença de um homem vestindo apenas um roupão, pois era um velho conhecido, portanto, ela não vê problema em trocar algumas palavras e alguns toques, uma vez que “Caminhou para cerca e estendeu-lhe a mão, que ele apertou- apertou não é bem dito-, em que ele tocou apenas, o mais cerimoniosamente que podia e devia naquela situação” (Machado de Assis, 2021, p 22). Mesmo tendo consciência de que aquela atitude poderia respingar na sua reputação, a moça se permite vivenciar esse momento com naturalidade e segurança.

Em contrapartida, o diálogo também nos apresenta, a partir das falas da baronesa, as imposições postas ao comportamento feminino, que, acima de tudo, devia ter a preocupação de manter as aparências e uma boa reputação, principalmente quando se está inserida em uma camada social mais alta, pois, além de preocupar-se com sua própria reputação deve também preocupar-se com a reputação de sua família. Essa aflição em relação à reputação da família no meio social burguês fica nítida no diálogo seguinte entre a baronesa e a governanta de sua residência, no qual a baronesa explicita que Guiomar deixou de ser pobre e agora é filha de uma senhora detentora de status e poder:

- Não sei se tudo; mas enfim disse-me que, estando a passear na chácara, vira o tal sobrinho da mestra, junto à cerca do doutor Luís Alves, e ficara a conversar com ele. Que seria isso Mrs. Oswald? Algum amor que continua ou recomeça agora – Agora que ela já não é a simples herdeira da pobreza de seus pais, mas a minha filha, a filha do meu coração (Machado de Assis, 2021, pp 27-28)

Segundo D'Incao (2004), o hábito de vigiar e controlar as mulheres esteve muito presente no século XIX, no entanto, foi se afrouxando com a ascensão dos valores burgueses que estavam diretamente ligados ao casamento por interesse. Isso ocorreu porque as próprias mulheres passaram a internalizar esses mecanismos de controle, aprendendo a se vigiar e a ajustar seu comportamento às normas sociais vigentes. Guiomar tinha pleno conhecimento desse ideal e em diversos momentos transgrediu a eles usando diversos mecanismos a seu favor, a maneira como Machado de Assis a constrói mostra sinais de divergências dessa idealização, em dado momento a protagonista está conversando com um homem a sós, ao pé da cerca do jardim da casa que morava, mas decide finalizar o momento pois estava dando o horário da baronesa passear por ali:

A conversa durou cerca de três quartos, uma migalha de tempo para ele, que desejara muito mais. Mas era preciso acabar; ela foi a primeira a dizer-lho:

- O senhor me fez perder muito tempo. Há talvez uma hora que estamos aqui a conversar. Era natural, depois de dois anos. Dois anos! Mas o que não era natural-continuou ela, mudando de tom- era atrever-me a falar com um estranho neste *deshabillé* tão pouco elegante.

- Elegantíssimo, pelo contrário.

- O senhor sempre tem um cumprimento de reserva: vejo que não perdeu o tempo na academia. Vou me embora. São horas da baronesa dar o seu passeio pela chácara (Machado de Assis, 2021, p 24).

No decorrer da obra, Machado nos apresenta perfis diferentes de mulheres explicitando a multiplicidade do que é ser mulher no século XIX, mesmo havendo uma imposição social. A própria Guiomar transita por esses diferentes perfis, pois, antes de ser adotada ela manifestou o desejo de ser professora<sup>12</sup>, para assim conseguir se sustentar, já que não havia outro recurso (Machado de Assis, 2021). Essa representação construída por Machado de Assis revela então um aspecto sobre a mulher no mundo do trabalho que reverberava nesse período, tendo em vista que “a literatura é um campo privilegiado para a investigação histórica, é vista como valiosa fonte de análise, na medida em que possibilita um melhor entendimento relativo às

---

<sup>12</sup> Embora a profissão de professora fosse uma opção comum para mulheres, no romance é retratada como uma última opção para sustento próprio de Guiomar, pois como afirma Banditer (1985, p 49) “Quanto mais se descia na escala social, mais a aptidão para o trabalho se tornava necessária”.

representações construídas numa dada sociedade” (Grecco, 2014, pp 45-46). Ainda sobre este tema, Rocha-Coutinho (1992, p. 99) explica que:

A opção pelo trabalho prendia-se, principalmente, à situação econômica da mulher, não só se cogitando a respeito de sua realização profissional. Assim é que, sempre que abrisse outra alternativa, entendendo-se aí a possibilidade de um casamento, o ofício era abandonado.

Isso fica explícito no romance, pois, após ser adotada, Guiomar apresenta uma outra perspectiva de feminilidade, a de moça burguesa, em idade casadoira, que frequenta os grandes salões, teatros, sempre bem vestida e que queria consolidar sua ascensão social e o status adquirido. Partindo desse desejo, a personagem demonstra uma feminilidade extremamente racional que articula seus anseios com as aparências, os costumes sociais vigentes, transitando por eles. Em um diálogo com a baronesa, Mrs. Oswald evidencia esse traço “sua afilhada tem uma alma singular; passa facilmente do entusiasmo à frieza, e da confiança ao retraimento” (Machado de Assis, 2021, p 28).

Machado de Assis nos entrega uma protagonista que trazia consigo interesses para o futuro, não pensava em estar estagnada no presente e com ligações no passado o qual ela parece ter esquecido, claramente almejava ascender ainda mais socialmente e se manter na elite burguesa. Além disso, Guiomar sabia que despertava afeições não só de sua madrinha, mas também de três rapazes que desejavam corteja-la e casar-se com ela, no entanto, a moça lidava muito bem com isso, analisando minuciosamente qual pretendente lhe seria melhor, o qual atenderia suas expectativas e suas ambições sociais. Esse aspecto demonstra a destreza da moça que se mantinha desafetada com as intenções e suspeitas acerca dela, traz à luz como a moça era imponente.

Guiomar no meio de tantas afeições que a cercavam, sabia manter - se superior às esperanças de uns e às suspeitas de outros (Machado de Assis, 2021, p 43)

Ela vivia do presente e do futuro- e tamanho era o seu futuro, quero dizer as ambições que lho enchiam-, tamanho, que bastava a ocupar seu pensamento, ainda que o presente nada mais lhe dera. Do

passado nada queria saber; provavelmente havia-o esquecido (Machado de Assis, 2021, p 50)

Em um período onde os casamentos eram majoritariamente vezes acertados pelos pais (Rocha-Coutinho, 1992), Machado ousa trazer, para o centro de sua obra, uma jovem que escolhe o seu marido, solicita-o que a peça em casamento e não precisou da palavra final do pai. Guiomar conta com o apoio de sua madrinha, que mesmo deixando claro sua preferência, afirma que a jovem é livre para escolher com quem casar-se. Ao fazer sua escolha, a protagonista, em conversa com seu futuro esposo, evidencia, mais do que em toda obra, ser uma mulher transgressora e que, longe de ser passiva, deixa claro para o noivo como ela é, e, partindo dessa informação, elucida que não abrirá mão dessas características:

Saiba, pois, que sou muito senhora de minha vontade, mas pouco amiga de exprimir; quero que me adivinhem e obedeçam; sou também um pouco altiva, às vezes caprichosa e por cima de tudo isso tenho um coração exigente (Machado de Assis, 2021, p 108).

Conforme nos aconselha Brait “voltamos, portanto, nosso olhar às formas inventadas pelo homem para representar, simular e criar a chamada realidade” (1985, p 12), em vista disso, pode-se afirmar que Guiomar é a representação de um perfil de feminilidade que coexistia e transgredia ao ideal dominante que regia a sociedade carioca durante o século XIX. Do mesmo modo que a baronesa representa um outro modelo de feminilidade, a feminilidade afetiva, doméstica, que segue os costumes tradicionais, presa aos valores da burguesia e que, dentro dos limites, exerce certo poder social, como, por exemplo, gerir a família e administrar seus bens após seu cônjuge morrer. Rocha-Coutinho (1992), usando Hahner (1981), destaca que na ausência ou morte dos maridos, muitas mulheres assumiram o controle de fazendas, escravizados e família demonstrando uma capacidade igual ou superior à dos homens, tal aspecto indica que a opressão feminina não era apenas pelo fator gênero, mas também por fatores econômicos, sociais e políticos.

Para além disso, a baronesa ainda nos apresenta o aspecto de autopreservação e cálculo social, ao desejar que Guiomar case-se com seu sobrinho,

mas, ao mesmo tempo, representa o amor maternal, a figura materna que educa, protege e se preocupa com o futuro da família e o status que a mesma tem, não só com relação a sua filha (Guiomar), mas também seu sobrinho.

Uma noite será bastante para decidir de todo o resto da vida? - disse ela sorrindo.

- Tens razão, minha filha; mas a pergunta era natural da parte de quem quer ver realizado um desejo. Jorge pediu-te em casamento. Sabes que é um excelente caráter?

- Excelente – respondeu a moça.

-Uma boa alma – continuou a baronesa –, e um moço distinto. Parece gostar muito de ti, segundo disse ontem, não? É natural; só me admira que não te amem muitos mais.

A baronesa parou; Guiomar brincava com as franjas da manga sem se atrever a levantar os olhos.

– Deves saber – continuou a baronesa – que eu estimaria ver que este casamento se efetuasse; estou convencida de que te faria feliz, e a ele também, pelo menos tanto quanto é possível julgar das coisas presentes... Que diz o teu coração? (Machado de Assis, 2021, p. 102)

Mesmo em uma conjuntura dominada pela autoridade do *pater familias*, as mães tinham certo grau de poder e influência. Ainda que fossem exercidos de forma indireta e por trás dos panos, principalmente no âmbito doméstico e familiar, elas também eram capazes de intervir na esfera pública ou administrativa, especialmente quando se tratava de proteger filhos, genros e afilhados (Rocha-Coutinho, 1992).

Um outro modelo de feminilidade presente na obra de maneira secundária, mas com um papel no decorrer da trama, é a Mr. Oswald, a governanta e dama de companhia da baronesa:

(...) uma mulher de 44 a 45 anos, alta e magra, cabelo entre louro e branco, olhos azuis, asseadamente vestida, a senhora Oswald – ou mais britanicamente, Mrs. Oswald – dama de companhia da baronesa, desde alguns anos. Mrs. Oswald conhecera a baronesa em 1846; viúva e sem família, aceitou as propostas que esta lhe fez. Era mulher inteligente e sagaz, dotada de boa índole e serviçal. (Machado de Assis, 2021, p. 25)

Além disso, Mrs. Oswald é uma senhora inglesa que tem os valores burgueses bem marcados em seus modos e perspectivas, especialmente no que tange às

convenções sociais do século XIX. Machado a constrói como uma mulher observadora, atenta aos pequenos detalhes e julgadora do comportamento alheio, principalmente o de Guiomar. Ela trazia consigo valores advindos de sua nacionalidade e adjunto a isso ela assimila os valores da sociedade burguesa carioca da época, que prezava pelo cumprimento das normas morais e sociais. Mrs. Oswald foi a primeira, além de Guiomar, a perceber o interesse de Estevão, um dos seus três pretendentes, em um jantar. Assim,

A sagaz inglesa afivelou a máscara mais impassível que trouxera das ilhas britânicas e não os perdeu de vista. Nem da primeira nem na segunda vez viu nada mais que os olhos dele, que solicitavam os dela, e os dela que pareciam surdos. (Machado de Assis, 2021, p. 38)

O trecho evidencia a bagagem britânica que a governanta traz em sua personalidade, ela era uma mulher pragmática que apesar de estar em uma posição subalterna - reforçando os limites entre as mulheres que não possuem recursos simbólicos ou sociais - exercia grande influência no espaço doméstico, como também sobre a baronesa e Guiomar. Essa influência era exercida através de conselhos dados a ambas, que os recebiam com consideração e atrelados à experiência, pois, na média e pequena burguesia, a criadagem tende a reduzir-se a uma única "criada", à qual as donas-de-casa se apegam como a uma tábua de salvação (Perrot, 2007, p116). Um dos conselhos dados por Mrs. Oswald à protagonista Guiomar<sup>13</sup>, depois de descobrir sobre o amor de Estevão pela mesma, diz respeito ao casamento como uma instituição estratégica e por conveniência, não necessariamente afetiva.

Um conselho último, último se me não consentir mais falar-lhe nisto; eu creio que a senhora sonha talvez demais. Sonhará uns amores de romance, quase impossíveis? Digo-lhe que faz mal, que é melhor, muito melhor contentar-se com a realidade; se ela não é brilhante como os sonhos, tem pelo menos a vantagem de existir. (Machado de Assis, 2021, p. 41)

Machado de Assis faz de Mrs. Oswald uma espécie de símbolo da vigilância moral da sociedade, reforçando a ideia de D'incao (2004) de que as mulheres eram socializadas para controlar a si mesmas e umas às outras. Ela cogitou a possibilidade de Guiomar ficar com Estevão, por isso o conselho sobre preferir a realidade aos sonhos de amores romanescos, e a realidade referida por ela era Jorge, o sobrinho

---

<sup>13</sup> Importante salientar que a apenas Guiomar como protagonista tem seu nome abordado no decorrer do romance, as outras personagens femininas são mencionadas pelo sobrenome ou pela posição que ocupava.

da baronesa, “pessoa cujos interesses defendia Mrs. Oswald, por amor da baronesa, e não menos de si mesma” (Machado de Assis, 2021 p. 42). Sabendo do desejo de sua patroa de casar Guiomar com o sobrinho, a governanta conta-lhe do interesse do rapaz, esperando que ela o apoie, e isso de fato acontece.

Mais que isso, Mrs. Oswald passa a auxiliar Jorge, por quem nutria afeto e considerava que o casamento entre ele e Guiomar garantiria a permanência do status do rapaz, dessa forma, ela tenta inserir-se de modo velado no jogo de perspectivas sociais, econômicas e afetivas que permeiam o romance, utilizando as estratégias de controle que lhe cabiam e eram possíveis. De acordo com Rocha-Coutinho (1992), as estratégias de controle são “as formas de um agente social levar uma pessoa a pensar, sentir ou agir de um modo que nem sempre partiria espontaneamente dela” (Rocha-Coutinho, 1992, pp. 160-161). Os mecanismos utilizados por Mrs. Oswald são sutis e cortinados, ela usa conselhos morais, usa de sua liberdade de transitar por diversos cômodos da casa, sempre observando o que está acontecendo ao seu redor, faz uso de comentários indiretos e tentativas de aproximação entre os dois jovens, como, por exemplo, acobertar o envio de uma carta, com declarações de Jorge, dentro de um livro para Guiomar:

Por que há de ser injusta comigo? – disse ela dando à voz um tom melífluo e suplicante. – Por que não há de ver as coisas como elas naturalmente são? O que há nisto é uma coincidência curiosa, mas nada mais. Se lhe falei em semelhante coisa algumas vezes, foi porque eu mesma percebi o amor que lhe tem o senhor Jorge; é coisa que todos veem. Imaginei que o casamento, neste caso, seria agradável à senhora baronesa a quem sou grata. Posso ter feito mal... (Machado de Assis, 2021, pp 58-59)

Ao entrar em cena um terceiro pretendente de Guiomar, o Luís Alves, novamente a Mrs. Oswald, com perspicácia, percebe o interesse do rapaz e, para além disso, percebe que Guiomar não é tão indiferente como com os outros dois. Munida dessa informação, ela vê a união que ela tanto desejava que se concretizasse ameaçada, então ela, mais uma vez, utiliza dos mecanismos de poder que conseguia acessar naquele ambiente doméstico para tentar consumir o casamento em família. Mrs. Oswald joga com os sentimentos e psicológico da mocinha:

A inglesa percebeu dentro de pouco tempo que entre eles havia alguma coisa. Interrogar a moça era inútil, sobre perigoso; seria ir, de coração leve, em busca de ódio, talvez. Todavia se ainda fosse possível salvar tudo? Guiomar resistiria dificilmente a um desejo da madrinha; era possível vencê-la por esse lado.

Mrs. Oswald concebeu então um projeto insensato, que lhe pareceu aliás excelente e de bom aviso. O desejo de servir a baronesa e levar uma ideia ao fim tapou-lhe os olhos da razão. Ela foi diretamente a Jorge.

-Sabe o que me está parecendo? — disse ela. — Parece-me que há mouro na costa<sup>14</sup>.

- Mouro na costa! — exclamou Jorge com uma tal expressão de desgosto, que era fácil compreender o fundo de suspeita já existente em seu espírito.

-Nada menos — disse a inglesa. — Mas um mouro que se pode capturar.

E a inglesa expôs um plano completo que o sobrinho da baronesa ouviu um tanto perplexo. O plano consistia em ir Jorge pedir a moça à baronesa, em presença dela própria. A baronesa, que nutria o desejo de os ver casados, não deixaria de fazer pesar o seu voto na balança, e era muito difícil que a gratidão de Guiomar não decidisse em favor de Jorge.

-A gratidão... e o interesse — continuou ela. — Devemos contar também com o interesse, que é um grande conselheiro íntimo. Ela não há de querer sacrificar a afeição da madrinha, que para ela vale...

-Oh! Que triste lembrança! -interrompeu Jorge, recuando diante da ideia de Mrs. Oswald. (Machado de Assis, 2021, p. 88).

O trecho evidencia o quanto a governanta é uma mulher sagaz que sabe jogar com as armas que tem nesse jogo de aparências e interesses presente no mundo burguês da sociedade carioca. Em meio a tantas expectativas, Guiomar se via diante de três pretendentes, três diferentes perfis de masculinidade, mas uma só escolha, qual terá sido ela?

### **2.3 – Entre perfis de masculinidade: uma escolha**

No romance aqui estudado, por meio das representações dos personagens masculinos e da disputa para casar-se com a mesma moça, foi possível perceber a presença de uma masculinidade ideal, hegemônica e ligada à formação da nação. Da mesma forma, a construção dos personagens masculinos nos mostra que “a masculinidade, em uma perspectiva cultural, tem significados múltiplos, variáveis e

---

<sup>14</sup> Significa haver inimigos por perto ou ter por perto pessoas que não deveriam estar. Informação retirada de Machadodeassis.net disponível em <https://machadodeassis.net/referencia/mouros-na-costa/61297> acesso em 20/06/2025.

até mesmo contraditórios. Como bem simbólico altamente valorizado, em fins do XIX, se associava à honra e à própria nacionalidade” (Misckolci, 2013, p 36). Ou seja, a masculinidade é uma construção cultural, social e histórica, sendo moldada por normas sociais vigentes em determinada época e passível de mudança de acordo com período e espaço que o sujeito se insere

Dentre os fatos inexplorados que este uso da literatura como fonte empírica central permitirá aprofundar, destacam-se a relação cultural e histórica entre a nacionalidade e o gênero masculino, assim como os dilemas ignorados entre o desejo da nação como projeto político que lidava, de uma forma ou de outra, com as experiências subjetivas que o confrontavam na forma de desejos outros, cujo agenciamento jamais foi completo ou definitivo. (Misckolci, 2013, p 35)

Como afirma Scott (1995) gênero é uma categoria relacional, desse modo, já tendo abordado questões no que tange o feminino, é de suma importância tratar sobre o masculino, uma vez um está diretamente relacionado ao outro. Assim como era disseminado um ideal de feminilidade, também se tinha uma espécie de padronização para os perfis masculinos, porém, levando em consideração que gênero também é maneira de dar significado às relações de poder (Scott, 1995), é notório a diferença entre as imposições feitas ao gênero feminino e ao gênero masculino, tendo o segundo mais liberdade e privilégios. Neste momento da pesquisa será abordado perfis de masculinidade, aspectos que os rodeiam, suas representações no romance estudado e como isso impacta no seu desenrolar, sendo um fator determinante na escolha de um esposo pela protagonista Guiomar.

Em uma época que a masculinidade hegemônica exigia dominar as emoções, manter o autocontrole sobre os impulsos desordenados e aprender a regular sentimentos e desejos (Stoler, 1995 *apud* Misckolci, 2013), como também imperava a virilidade, Machado de Assis construiu personagens que, apesar de despertarem interesse pela mesma moça, são homens totalmente diferentes, com “traços de masculinidades” divergentes, que hora atende a expectativa do período, hora ficam abaixo dela, apenas o Luís Alves não possui essa oscilação. Segundo Gonçalves (2011, p. 21) “o pertencimento à elite imperial letrada é comum às personagens masculinas machadianas, uma vez que médicos, advogados, matemáticos, engenheiros são figuras frequentes em suas narrativas.” Em *A mão e luva* esse aspecto também prevalece, pois aparecem, entre os pretendentes de Guiomar, dois

advogados e um herdeiro. Os dois advogados em questão se tornaram muito amigos durante o período em que cursavam juntos Direito na academia de São Paulo. Apesar da afinidade entre os dois eles eram muito diferentes um do outro, Estevão é descrito como:

Dotado de extrema sensibilidade, e não menor fraqueza de ânimo, afetuoso e bom, não daquela bondade varonil, que é apanágio de uma alma forte, mas dessa outra bondade mole e de cera, que vai à de mercê todas as circunstâncias, tinha além de tudo isso, o infortúnio de trazer ainda sobre o nariz os óculos cor-de-rosa de suas virginais ilusões (Machado de Assis, 2021, p. 9).

Esse trecho exemplifica a ironia e o sarcasmo de Machado de Assis ao descrever com um tom de crítica um homem sensível e frágil emocionalmente. Assim, quando se refere a Estevão como tendo uma “bondade mole”, ele estava construindo um personagem masculino que é influenciável, fraco para o contexto social do período e alguém que vê o mundo de forma ilusória, idealizada e ingênua da realidade, mesmo se tratando de um sujeito que tem acesso ao ensino superior e à camada intelectual daquela sociedade. “A personagem masculina do romance machadiano é, assim, semelhante a uma figura inacabada que exige reflexão sobre uma construção que deságua em outras construções para formar uma certa unidade estética” (Gonçalves 2011, p 41).

Estevão é a representação de masculinidade mais ambígua entre os três pretendentes de Guiomar, ainda que seja refém do seu sentimentalismo exacerbado que o faz cogitar a morte por ser rejeitado, ele traz impregnado consigo traços da noção de dominação e virilidade masculina que foi formulada em meados do século XIX, com o propósito de enaltecer tanto as características físicas quanto os atributos morais do homem (Neto, 2021). Quando rejeitado, além dos seus sentimentos, o ego de Estevão também foi ferido, ele tem dificuldades para aceitar que se iludiu em relação ao amor de Guiomar mesmo ela não tendo demonstrado sinais de que o correspondia, pois se recusa a acreditar que ela o dispensou. Isso fica claro no seu diálogo com seu amigo de curso, que posteriormente será seu rival, quando ele revela:

- Sei que tudo isso há de parecer-te ridículo - disse Estevão sentando-se na cama -, mas que queres tu? Eu vivia na persuasão de que era amado, e era-o talvez. Por isso mesmo não entendo o que se passou hoje. Ou o que eu supunha ser amor, não passava talvez de passatempo ou zombaria (Machado de Assis, 2021, p. 11).

Ao ser rejeitado por Guiomar, Estevão foi para São Paulo, deixou seu amor por ela adormecer, passando a ficar acompanhado com “duas ou três moças da capital-todas elas por passa tempo” (Machado de Assis, 2021, p 13). A partir daí, pode-se observar o lado da masculinidade de Estevão que se enquadrava no modelo vigente da sociedade oitocentista, onde o corpo feminino era utilizado como simbolismo para reforçar a virilidade e a masculinidade dos homens, no âmbito privado e principalmente no público (De Castro, 2020). Esse aspecto fica ainda mais evidenciado quando ele se refere a uma cantora, objetificando-a partindo de uma característica marcante da mesma:

Oh! Aquele buço! Exclama Estevão nos intervalos de uma ópera. - Aquele delicioso buço há de ser a perdição da gente de bem! Quem me dera ir encaracolado por ali acima, até ficar mais próximo do céu, quero dizer de seus olhos, e ser visto por ela, que me não descobre na turba inumerável de seus admiradores. (Machado de Assis, 2021, p 15).

Associadas à sensualidade e ao desejo, nesse contexto a beleza feminina exercia um papel central, pois o homem que estivesse ligado a uma mulher admirada e cobiçada por outros homens, era visto com maior prestígio perante a sociedade (De Castro, 2020). No entanto, um outro aspecto que chama atenção no trecho acima, é o fato de uma cantora, uma mulher pública, que trabalha com a aparência, preservar um buço, uma vez que os pelos estavam associados a animalidade, no caso das pessoas eles deveriam ser domesticados e demarcar a diferença entre feminino e masculino, cabelos cumpridos para mulheres e pelos no rosto para homens (Perrot, 2007). Assim sendo, Machado de Assis apresenta duas quebras para o padrão da época, a mulher que não se rendeu ao padrão de beleza imposto, como também um homem que admira esse aspecto da mulher que tem buço e a deseja.

Miskolci (2013) afirma que o processo de modernização e construção de uma identidade nacional brasileira no final do século XIX construiu também um ideal de homem racional, centrado, viril e ativo em todos os âmbitos. Esse ideal era o oposto da representação de Estevão que era sensível, emocional e refém do amor por Guiomar. Para além disso, e de ter nascido pobre, ele era desprovido de ambição e firmeza para ascender socialmente, tendo cursado Direito apenas por admiração e possivelmente por ser uma graduação de status. Estevão não amava o direito, preferia a literatura e a política. Ele gostava da política apenas por observar fragmentos da literatura presente, o que evidencia que a escolha pelo Direito se deu em uma tentativa

se adequar ao perfil de masculinidade que estava em formação e que superestimava tal curso.

Posto fizesse boa figura na academia, mais prezava do que amava a ciência do Direito. Suas preferências intelectuais dividiam-se, ou antes abrigavam a Política e a Literatura, ainda assim a Política só lhe acenava com o que podia haver de literário nela (Machado de Assis, 2021, p 15).

Suas aspirações políticas deviam naturalmente morrer em gérmen, não só porque lhe minguava o apoio necessário para as arvorocer e frutificar, mas ainda porque ele não tinha em si a força indispensável a todo o homem que põe a mira acima do Estado em que nasceu. Eram aspirações vagas, intermitentes, vaporosas, umas visões legislativas e ministeriais, que tão depressa lhe namoravam a imaginação, como logo se esvaeciam, ao resvalar dos primeiros olhos bonitos, que esse, sim, amava-os ele deveras. Opiniões não as tinha; alguns escritos que publicara durante a quadra acadêmica eram um complexo de doutrinas de toda casta, que lhe flutuavam no espírito, sem se fixarem nunca, indo e vindo alçando-se ou descendo, conforme a recente leitura ou a atual disposição de espírito. Por agora militava nas fileiras do lagrimismo, com ardor, dedicação e fidelidade de bom apóstolo. Não era abastado para pagar o luxo de uma opinião lírica; nascera pobre e não tinha parente em boa posição. Alguns poucos recursos possuía, provenientes do seu ofício de advogado, que exercia com o amigo Luís Alves (Machado de Assis, 2021, p 16).

Contrastando com a sensibilidade e emoção de Estevão, Luís Alves, também advogado e amigo confidente do mesmo, era o seu oposto. Luís era altamente racional e sabia bem controlar seus desejos, desse modo, ele se enquadrava no ideal que vinha sendo construído e almejado de uma nação, ideal esse que impunha a educação do desejo, o controle e direcionamento de maneira que transformasse homens guiados por paixões em sujeitos de caráter e cidadãos nacionais (Misckolci, 2013). As primeiras descrições desse personagem já mostram com clareza esse aspecto:

Luís Alves via bem com os olhos da cara. Não era mau rapaz, mas tinha o seu grão de egoísmo, e se não era incapaz de afeições sabia regê-las, modera-las, e, sobretudo, guia-las ao seu próprio interesse (Machado de Assis, 2021, p. 9)

[...] Luís Alves dava menos que recebia, e, ainda assim, nem tudo que dava exprimia grande confiança (Machado de Assis, 2021, p. 9).

Luís Alves representa um perfil masculino idealizado no Brasil do século XIX nos moldes que propõe Misckolci (2013), branco, burguês, racional, disciplinado e com ambição de contribuir com o Estado e a nação ao desejar ser deputado, além de desejar consolidar seu status na elite burguesa com essa posição. A condução que Machado de Assis faz do perfil desse personagem evidencia que a masculinidade

dominante não é natural, mas uma construção histórica, como propõe Scott (1995), sendo ela fruto de um sistema que privilegiava o homem racional como dominante e o feminino como subordinado. No Brasil oitocentista, as relações de poder eram baseadas nas diferenças de gênero, desse modo, tendiam a construir papéis de dominação para os homens e de subordinação para as mulheres, embora houvessem aspectos de resistência a esses papéis sociais.

Em diversos momentos de *O desejo da nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX*, Miskolci aciona o conceito de masculinidade hegemônica, conceito que não foi cunhado por ele, mas que guia sua discussão sobre a formação de uma masculinidade que estava sendo moldada nesse contexto, associada a ideia de nação e de domínio. Miskolci utiliza o conceito conforme a perspectiva de Connell (1995) e Kimmel (1998), que se refere, de modo geral, à forma de masculinidade que é socialmente mais valorizada e que exerce dominação sobre outras expressões de masculinidade.

Luís Alves se enquadrava nessa perspectiva hegemônica de masculinidade, pois era a representação de um sujeito calculista e estrategista. Ao ter descoberto que a Guiomar pela qual Estevão nutria uma devoção e sua vizinha de mesmo nome eram a mesma pessoa, ele não revela de cara que também já demonstrara interesse por ela, interesse esse que não estava atrelado a sentimento ou a beleza da moça, mas também pela posição social que ela ocupava, pois “Os fatores econômicos e políticos que estavam envolvidos na escolha matrimonial deixavam pouco espaço para que a afinidade sexual ou o afeto tivessem grande peso nessa decisão” (Del Priore, 2011, p. 56). Luís espera o momento oportuno para revelar isso ao amigo e em seguida nega ter permanecido qualquer resquício desse interesse e tenta fazer com que Estevão desista do amor não correspondido:

– Eu amo-a – disse ele enfim. – Pode bem ser que tenhas razão; talvez me espere algum grande desgosto; mas são reflexões, e eu não reflito agora, eu sinto.

– Em todo o caso – acudiu Luís Alves –, desempenho o meu dever de amigo: digo-te que vocês não nasceram um para o outro; que se ela te não amou naquele tempo, muito menos te amará hoje, e que enfim... Luís Alves estacou.

– Enfim? – perguntou Estevão.

– Enfim. Pedes-me um sacrifício- concluiu rindo o advogado-, porque também eu já a namorisquei... Não é preciso carregares o sobrolho;

foi namoro de vizinho, tentativa que durou pouco mais de 24 horas. Com vergonha o digo, ela não me prestou nenhuma migalha de atenção sequer, e eu voltei aos meus autos.

– Então...gostas dela – Perguntou Estevão.

– Acho-a bonita e nada mais. Aquilo foi um lançar barro à parede, se aceitasse, casava-me; não aceitou (Machado de Assis, 2021, p 37).

Após esse diálogo Estevão desapareceu por uma semana, afundado em melancolia e desejos suicidas, no entanto, seu amigo e parceiro de trabalho Luís Alves não sentiu sua falta, ou se a sentiu não se preocupou em buscar saber se o mesmo estava bem ou precisando de algo, pois nesse período a única coisa que lhe importava era sua candidatura ao parlamento, a qual ele estava aguardando resultado. Entre a amizade e a possibilidade de consolidar sua posição social mediante a elite burguesa e a nação que estava ali sendo construída, baseando-se na masculinidade hegemônica (Misckolci, 2013), a prioridade para Luís Alves era a segunda opção, pois “o masculino hegemônico é construído concomitantemente à imagem de nação, levando em conta a posição hierárquica dos homens na sociedade, seu domínio frente a outros corpos e os temas masculinos que são caros ao nacional” (Mariano, 2021, p. 84). Tais aspectos ficam explícitos no trecho a seguir:

A preocupação de Luís Alves por aqueles dias era a candidatura eleitoral; a boa-nova devia chegar-lhe na primeira mala do norte. Ora, em boa razão, um homem que está prestes a ser inscrito nas tábuas do parlamento não pode cogitar muito dos amores de um rapaz, ainda que o rapaz seja amigo e os amores verdadeiros (Machado de Assis, 2021, p. 67).

Estando Guiomar e a madrinha prestes a viajar, Luís Alves vê a oportunidade de explicitar seu interesse por ela, mas não de forma melancólica como fez seu amigo, mas de uma maneira direta e dúbia, o que chamou a atenção de Guiomar e até a fez duvidar se era mesmo uma “declaração”. Ele só deixa seu interesse explícito posteriormente, em uma festa que a baronesa deu em sua casa, estando Guiomar a tocar piano. Este era aspecto comum em um período que “a dupla piano & charuto torna-se inseparável: a mocidade abandonara o rapé, preferindo olhar a fumaça com volúpia. Rapazes pareciam sonhar com um charuto entre os lábios, enquanto a jovem atacava uma valsa no piano” (Del Priore, 2011, p 61). Estando Guiomar a tocar, Luís Alves aproximou-se, trocaram algumas palavras e o rapaz a disse que amava. Ela teve uma

reação nada discreta, parando de tocar e pulando do seu assento, ao contrário dele, que agiu naturalmente, controlando suas emoções como de costume:

Guiomar curvou a cabeça e esteve alguns instantes a perpassar os dedos pelas teclas, enquanto Luís Alves, tirando de cima do piano outra música, dizia-lhe:

- Podia dar-nos este pedaço de Bellini, se quisesse.

Guiomar pegou maquinalmente na música e abriu-a na estante.

-Era então vontade sua? – perguntou ela continuando o assunto interrompido do diálogo.

- Vontade certamente, porque era necessidade.

- Necessidade? – tornou ela começando a tocar, menos por tocar que por encobrir a voz. – Mas necessidade por quê?

-Por uma razão muito simples, porque a amo.

A música estacou. Guiomar ergueu-se de um salto. Mas nem o gesto da moça, nem a surpresa das outras pessoas perturbou o advogado; Luís Alves inclinou-se para o mocho, como a concerta-lo, e voltando-se para Guiomar, disse-lhe graciosamente:

- Pode sentar-se agora; está seguro (Machado de Assis, 2021, pp. 82-83)

Ele é o oposto tanto do excesso de sentimentalismo de Estêvão, um homem que era guiado pela emoção e “fraco” para os padrões da época, quanto à superficialidade de Jorge, o terceiro pretendente de Guiomar, que era vaidoso, dependente da herança dos pais e do status social de sua tia, a baronesa, superficial e apático. Jorge é a representação de um outro perfil de masculinidade, a que é dissidente. Jorge, além de ser retratado apático, é também retratado como afeminado em diversos momentos, sendo isso um aspecto que vai contra o modelo de masculinidade ideal, pois “a nação engendrou um ideal branco, masculino e heterossexual que tinha como eixo de problematização as diferenças de raça, sexualidade e gênero” (Miskolci, 2013, p 29). As primeiras características apresentadas de Jorge ratificam o comentário acima:

Jorge chama-se ele; não era feio, mas a arte estragava um pouco a obra da natureza. O muito mimo empece a planta, disse o poeta, e esta máxima não é só aplicável à poesia, mas também ao homem. Jorge tinha um lindo bigode castanho, untado e retesado com excessivo esmero. Os olhos, claros e vivos, seriam mais belos, se ele não os movesse com afetação, às vezes feminina. O mesmo direi dos

modos, que seriam fáceis e naturais, se os não tornasse tão alinhados e medidos (Machado de Assis, 2021, pp. 41-42).

Tais eram os defeitos aparentes de Jorge. Outros havia, e desses, o maior era um pecado mortal, o sétimo. O nome que lhe deixara o pai e a influência da tia podia lhe servir nas mãos para fazer carreira em alguma coisa pública; ele, porém preferia vegetar à toa, vivendo do pecúlio que dos pais herdara e das esperanças que tinha na afeição da baronesa (Machado de Assis, 2021, p 42).

Jorge não atende às expectativas do ideal de masculinidade do período mesmo sendo um burguês, branco e heterossexual, uma vez que o “olhar afeminado” de Jorge é retratado como um defeito, já que essa característica fugia do aspecto viril. Assim, quando um corpo foge dos padrões de performance determinados pela construção social de como um homem deve ser, estes aspectos são repelidos e discriminados. Outro aspecto retratado nos trechos é a ociosidade do personagem, que também diverge do ideal de masculinidade do período, pois, como afirma Misckolci (2013), o homem deveria ser ativo e ambicioso:

No Brasil, a preocupação coletiva com a sexualidade emergiria na intersecção de discursos políticos, científicos e literários sobre a nação brasileira que seguiam objetivos como o de branqueamento/civilização de nosso povo por meio de práticas claramente discriminatórias ou formas sutis de rejeição, disciplinamento e controle das relações íntimas, particularmente as afetivas e sexuais, conformadas ao ideal reprodutivo (portanto heterossexual), branco e viril. (Misckolci, 2013, p 25).

Apesar dessas dissidências, Jorge também via no casamento um meio de ratificar sua posição na elite burguesa e via na união com Guiomar a oportunidade perfeita. Ele sabia do desejo de sua tia de vê-los casados e contava com isso para conseguir seu objetivo, porém ele não contava com a astúcia da sua “amada”, Guiomar conseguia muito bem manipular a situação para se esquivar dele, deixando-o atônito e sem saber como agir para alcançar seu desejo. Por ser tão apático e inativo, coube a Mrs. Oswald assumir as rédeas da situação, a inglesa foi responsável por elaborar o plano que poderia fazê-lo vencedor da disputa pela união com a moça e por aconselha-lo a como executa-lo. O plano consistia em pedir Guiomar em casamento diante da baronesa, usando isso como um meio para pressioná-la.

A inglesa sorriu, e deixou por mão aquele argumento; firmou-se, porém, no da afeição. Guiomar não se oporia a um desejo da madrinha; era urgente dar-lhe o golpe. Jorge não se atrevia a surpreender por esse meio a aquiescência da moça; mas acreditava

na eficácia dele, e sobretudo receava perder a causa. Uma vez que a vencesse, tudo podia confiar do tempo e do seu amor.

O conselho foi seguido pontualmente. De noite, em presença da baronesa à hora da despedida, porque ele hesitara a maior parte do tempo, praticou Jorge aquele ato insensato de declarar à moça que amava e de lhe pedir a mão. A tia sorriu de contentamento, mas teve a prudência de não proferir nada enquanto Guiomar, empalidecendo nada dizia, porque nada achava que dizer. (Machado de Assis, 2021, pp. 88-89).

Diante dos seus três pretendentes, diante desses três perfis de masculinidade, Guiomar faz sua escolha, sendo ela diretamente ligada à masculinidade performada por cada um. Guiomar não escolhe apenas um homem para casar-se, mas também escolhe o tipo de masculinidade que melhor atende aos seus desejos e ambições sociais, revelando-se uma mulher ativa, que solicita, através de uma carta, que seu escolhido a peça em casamento de uma forma bem direta: “O papel continha uma palavra única “Peça-me”, escrita no centro da folha, com uma letra fina, elegante e feminina” (Machado de Assis, 2021, p 95).

No entanto, dentro de uma sociedade marcada por rígidas normas de gênero, ela faz isso por trás dos panos, de acordo a perspectiva de Rocha-Coutinho (1992), que afirma que mesmo em contextos marcados por desigualdade e silenciamento, as mulheres conseguem fazer-se ativas em suas trajetórias e no próprio contexto, mesmo sem a visibilidade “pública”. Guiomar compara os três rapazes, “Estevão dera-lhe a vida sentimental, Jorge a vida vegetativa; em Luís Alves via ela combinadas afeições domésticas com o ruído exterior” (Machado de Assis, 2021, p 87). Assim, ela concluiu que Luís Alves é o único entre eles que pensa de forma estratégica e que lhe proporcionaria suas ambições e a “atmosfera que ela desejava respirar” (Machado de Assis, 2021, p 87), ou seja, ela optou pela masculinidade que estava de acordo com seus interesses e ambições.

### **Considerações finais**

Neste trabalho foi apresentado uma possibilidade, dentre as inúmeras que existem, para o uso da literatura como fonte histórica, e das inúmeras temáticas que *A mão e a luva* apresenta que são passíveis de ser analisadas. Ainda que considere as discussões apresentadas no decorrer da pesquisa acertadas e necessárias, é

nítido que ainda muito há o que ser explorado nesse campo, podendo resultar em pesquisas futuras.

No entanto, ficou evidente o quanto o romance literário é uma potente ferramenta para produções historiográficas, pois o mesmo não implica a responsabilidade de buscar narrar os fatos exatamente como aconteceram, mas por meio das representações por ele apresentadas é possível compreender e recuperar possibilidades verossímeis que permitam perceber como as pessoas agiam, pensavam, o que tinham medo e desejavam, revelando aspectos subjetivos e simbólicos da experiência histórica (Pesavento, 2006).

Em consonância, em se tratando das obras machadianas, esses aspectos são bem marcantes, o autor retrata em suas obras diversas transformações na sociedade brasileira e suas contradições. Os aspectos históricos por ele retratados em suas obras lhe rendeu o título de “Machado de Assis historiador”, dado por Chalhoub (2003), o que salienta a importância de seus escritos para o estudo historiográfico do período que o mesmo retratou.

Seguindo a mesma linha, as personagens femininas dizem muito sobre o ideal de feminilidade disseminado naquele período, perpassando por funções e expectativas ligadas a mulher, como maternidade, casamento e controle social. No entanto, Machado de Assis apresenta mulheres ativas e transgressoras, como a protagonista Guiomar, que em um período onde os casamentos eram arranjados, conseguiu manipular as circunstâncias e escolher seu marido de acordo aos seus interesses.

Ao analisar o romance *A Mão e a Luva*, considerando-o como fonte para o estudo histórico e não apenas um texto ficcional para se deleitar com a magia da escrita machadiana, o mesmo ratificou o quanto a literatura pode ser um campo produtivo para compreender os imaginários sociais, os valores culturais de um período e as relações de poder de uma época. *A mão e a luva* não se limitam à ficção, mas também nos permite acessar representações simbólicas que, embora não correspondam diretamente ao "real acontecido", revelam estruturas profundas da sociedade brasileira do século XIX. Assim, é um campo privilegiado para o cruzamento entre literatura e história, principalmente pelo fato de o autor retratar as tensões

sociais, os papéis de gênero e os ideais de masculinidade e feminilidade em um período marcado por transformações políticas, econômicas e culturais.

Para além disso, no decorrer da pesquisa foi possível observar quanto é imprescindível que a história das mulheres seja estudada, debatida e visibilizada, para desse modo, fazer-se o inverso do que foi construído durante longos anos de maneira negligente e estereotipada. Tal construção omite a presença feminina ativa nos âmbitos sociais, culturais e econômicos, relegando as mulheres a um lugar na História de submissão e dominação, ou simplesmente desconsidera e apaga a existência dessas mulheres como sujeitos históricos. A vista disso, disseminar uma perspectiva que vá contra essa construção histórica faz-se necessária para o rompimento desse paradigma, como também para evidenciar que as mulheres sempre existiram, resistiram e participaram de maneira efetiva ao longo da história, salientando assim a importância da presença feminina em diversos contextos.

Um outro aspecto cabível de ser destacado, é que por meio da produção deste trabalho pude compreender de maneira mais eficaz como o ideal de dominação vinculado a masculinidade também afeta e oprime os próprios homens. A forma como Machado de Assis articula os perfis de masculinidade dos pretendentes de Guiomar proporciona essa análise, não é por acaso que aquele que se enquadra na imagem de homem ideal é o vencedor da “disputa”. Os outros dois não atendiam a expectativa de masculinidade do período por motivos diferentes, no entanto, ambos foram estigmatizados e inferiorizados igualmente, não sendo dignos de alçarem o objetivo.

Dessa forma, saliento a quão prodigiosa é a fonte literária, em especial o romance aqui estudado, pois o mesmo apresenta inúmeras possibilidades de análises. Assim, não dou essa pesquisa como finalizada, mas sim como uma parte concluída, que aguardará por uma continuação em oportunidades futuras.

## Referências

- BADINTER, Elisabeth. Um Amor Conquistado: o Mito do Amor Materno. Tradução de Waltensir Dutra. — Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BEZERRA, Paulo. Prefácio in *Mulheres de papel: um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis*. Niterói: EDUFF, 1996.
- BRAIT, Beth. *A personagem*. — São Paulo Ática, 1985.
- CANDIDO, Antonio. Esquema Machado de Assis. In: *Vários Escritos*. 3ª ed. rev. e ampl. - São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CHALHOUB, Sidney. Machado de Assis, historiador. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CHALHOUB, Sidney; PERREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (orgs.). *A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Candiani, Heci Regina. São Paulo: Boitempo, 2016. 244p.
- DE CASTRO, Andreia Alves Monteiro. Cores, cheiros e sabores—Corpo feminino e literatura no Século XIX. *Terceira Margem*, v. 24, n. 43, p. 90-106, 2020.
- DEL PRIORE, Mary. *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Planeta, 2011.
- DEL PRIORE, Mary (org.); Carla Bassanezi (coord. de textos) *História das mulheres no Brasil*. 10. ed. — São Paulo : Contexto, 2011.
- D'INCAO, Maria Ângela. In: PRIORE, Mary Del (org.); BASSANEZI, Carla (coord. de textos). *História das mulheres no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- GONÇALVES, Marina Leite. *Masculinidade e elite imperial brasileira: uma reinterpretação das obras Ressurreição, A mão e a luva, Helena e Iaiá Garcia*. Unimontes, 2011.
- GRANJA, Lucia. A língua engenhosa: O narrador de Machado de Assis, entre a invenção de histórias e a citação da história. In: CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (orgs.). *A história contada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p. 233-250.
- GRECO, Gabriela de Lima. História e literatura: entre narrativas literárias e históricas, uma análise através do conceito de representação. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, v. 6, n. 11, p. 33-50, jul. 2014.
- JINZENJI, Mônica Yumi. Leitura e escrita feminina no século XIX. *Cadernos Pagu*, n. 38, p. 367-394, jan./jun. 2012.
- MARIANO, José Victor Nunes. Sobre a Glória de si: masculinidade e branquitude no conto Maria Cora, de Machado de Assis. *Revista Falange Miúda*, v. 6, n. 1, p. 75-88, 2021.
- MISCKOLCI, Richard. *O desejo da nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX*. -São Paulo: Annablume, 2013.

NETO, Renato Drummond Tapioca. *prostituição e construção da masculinidade no Brasil (1850-1890)*. Seminário internacional UFSC- Florianópolis, 2021.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. Tradução de Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

PESAVENTO, Sandra. *História & literatura: uma velha-nova história*. In: COSTA, Cléria Botelho da; MACHADO, Maria Clara Toniaz (orgs.). *História e literatura: identidades e fronteiras*. Uberlândia: EDUFU, 2006. p. 25-40.

RIBEIRO, Luis Filipe. *Mulheres de papel: um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis*. Niterói: EDUFF, 1996.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. *Tecendo Por Trás Dos Panos. Algumas Estratégias De Controle Da Mulher Sobre A Família*. PUC Rio - Rio De Janeiro, 1992.

ROCHA, Virgínea Novack Santos da. *O sequestro das mulheres na história da literatura: o rastreio da poetisa Francisca Julia*. In: SILVA; CRUZ; TATIM; PEREIRA (orgs) *Mulheres e a literatura brasileira- Macapá-AP UNIFAP – 2017*.

SALGADO, Marcus Rogério. *A outra voz: apontamentos sobre a tradução de poesia realizada por mulheres no século XIX*. In: SILVA; CRUZ; TATIM; PEREIRA (orgs) *Mulheres e a literatura brasileira- Macapá-AP UNIFAP – 2017*.

VENÂNCIO, Renato Pinto. *Maternidade negada*. In: PRIORE, Mary Del (org.); BASSANEZI, Carla (coord. de textos). *História das mulheres no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

WOOLF, Virginia. *Mulheres e Ficção*. Tradução de Leonardo Fróes. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2019.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.